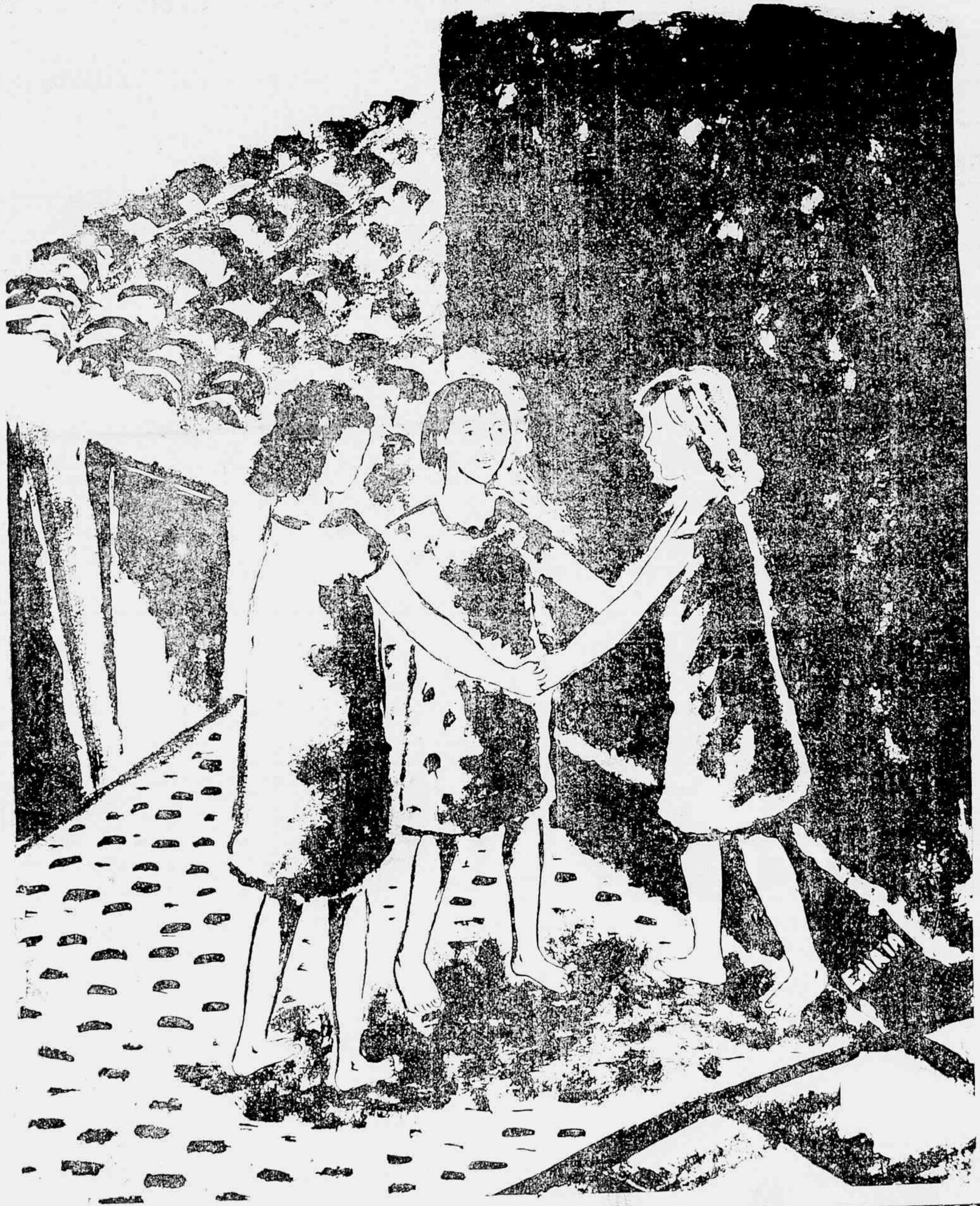


O MOMENTO feminino

SEXTA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 1947

UM JORNAL PARA O SEU LAR

CR\$ 1,00 ★ ANO I ★ N.º 5



Nesse desenho de Edirra, meninas tristes brincam de roda. O problema da criança é um dos mais dolorosos do Brasil. É preciso que o governo olhe para essa geração nova, descalça, sub-alimentada, sem lar e sem alegria. É preciso salvar as crianças brasileiras.

Arquivo do J. de Janeiro

Nossos Problemas

Todas nós que temos bom coração, que somos humanas, sentimos os sofrimentos do próximo, como se fossem nossos. E ante eles, não é possível silenciar, uma vez que temos condições de fazer alguma coisa de produtivo, pelo menos para amenizar a miséria que envolve nosso povo.

Quando dizemos amenizar, não queremos que vejamos nisso alguma atitude platônica. Não somos dos que ficam cantando os padecimentos dos nossos semelhantes, sem lhes apresentar alguns meios de luta para vencerem essa lamentável situação de vida.

Também dizemos amenizar, porque em nós não está a totalidade de recursos para a solução de tais problemas. Nossa autoridade não é de poder executivo e sim organizativo. Do contrário, não mais estaríamos a apreciar diariamente essas cenas dolorosas, deprimentes à mostra nas ruas de nossa cidade, num exibicionismo humilhante de um estado de fato a que infelizmente estamos reduzidos.

Não há uma rua, uma esquina, sem mendigos, sem grupos de pessoas, às vezes famílias inteiras, agachadas, doentes, lamintas, com a mão estendida à caridade pública e ao desprezo dessa falsa sociedade, responsável por esse estado de coisas.

Impressiona percorrer nossa cidade em noites frias e chuvosas e encontrar estendidos ao relento mulheres sem lar, sem amparo, sem amigas, isoladas na sua miséria, alertadas apenas pela crença do destino...

Aqui, debaixo desta árvore, um lago de gravetos aquece um corpo feminino, jogado à mendicância; acolá trapos de papel, folhas de jornal servem de cobertor às crianças raquíticas, que passaram o dia inteiro a pedir tostão aos transeuntes.

Não vai nesta descrição, queridas amigas, apenas o aspecto dramático em que vive nossa gente. O que há — e isso chamamos de fundamental — é o descaso de nossos governantes às reais necessidades do povo.

Se tivéssemos hospitais, chéchos, jardins de in-

fância, asilos, não teríamos nossos irmãos jogados à comiserção pública, nem à tortura permanente da fome e do desabrigo.

Mulheres úteis ou idosas, desde cedo, no fragor da existência, passam por circunstâncias atroz de vida, consideradas peso morto na produção do país. Não trabalham, nada edificam. Mas a vida nacional exige a mais completa colaboração do seu povo e, para que se estabeleça essa contribuição, garantias tem de ser dadas indistintamente a todos os seres que vivem e que desejam cumprir com sua tarefa na coletividade.

Faltam-nos essas garantias, falta-nos segurança para a efetivação dos nossos direitos.

E' contra isso que protestamos.

O povo não tem casas, não tem remédios, não tem escolas; o povo vive com fome e sem transportes; sem água e sem roupa.

E dia a dia a situação se complica, sem uma saída justa, por parte dos poderes públicos.

Mas a situação não é irremediável. Esses problemas não são insolúveis. Porisso é que chamamos a atenção de todas as mulheres porque de nós muito dependerá a solução desses casos.

As mulheres cumpre trabalhar com tenacidade, sem esmorecimento, para o levantamento de uma sociedade mais justa e mais digna para todos.

No trabalho unido e organizado tudo se constrói, sem dúvida, desde que haja, harmonia, tolerância e persistência. Além do mais, somos responsáveis pelo futuro de uma geração e temos de unir esforços para alcançarmos o que nos cumpre realizar.

Para salvarmos nossa sociedade desse mal, só o conseguiremos, se de fato nos revestirmos da responsabilidade que temos como parcela humana na construção de uma justa e digna sociedade.

ARCELINA MOCHEL



A MULHER NO PARLAMENTO DA CIDADE

Dentro da maior cordialidade e senso de responsabilidade, no recinto da Câmara Municipal trabalham as 4 eleitas do povo, pela solução dos nossos problemas.

Atualmente, o maior trabalho das Vereadoras consiste em dar pareceres aos projetos e indicações, que circulam pelas comissões. Além de participar na interpretação dos assuntos levantados. Vão às reuniões extraordinárias, dão voto em separado, discutem, resolvem.

Além dessas atividades, que foram intensas no curso desta semana, as nossas Vereadoras assim trabalharam:

SAGRAMOR

Indicação 381 — para sustar a construção do parque proletário em Bonsucesso. Requerimento 946 — sobre o comparecimento da Polícia Especial no dia da mudança da Favela do Jôquei Clube. Requerimento 947 — porque foram suspensas as construções de casas pela Caixa da Central. Requerimento 958 — sobre o não cumprimento do decreto 1.970 de 1924. Discorso — sobre demolições de favelas.

ODILA

Defesa oral de bloco de requerimento.

LIGIA

Requerimento 942 — sobre o horário das barcas de Paqueta. Requerimento 944 — sobre montagem de máquinas de lavar roupa na Escola "Orsina da Fonseca". Requerimento 959 — sobre o "Almanaque Histórico do Pessoal da Prefeitura". Requerimento 951 — sobre o fornecimento de streptomina no "Sanatório Cardoso Fontes".

ARCELINA

Projeto 130 — dispõe sobre promoções "post-mortem" dos funcionários municipais. Projeto 131 — doação de área para construção da "Liga da Infância". Requerimento 948 — sobre garantias aos moradores da Favela do Jôquei Clube, mudados para Bonsucesso. Defesa oral — de requerimentos discutidos em bloco. Discorso sobre demolições de favelas.

"NOSSAS AMIGAS"



Dissemos em nosso primeiro numero que MOMENTO FEMININO tem um programa a cumprir: defesa da felicidade, da alegria, do bem estar da mulher e da criança. Problema profundamente humano. Mas para a existencia de nosso jornal dissemos também que precisamos da ajuda de todos: amigos e amigas. Ajuda imediata e prática. Propomos então a vocês hoje, a criação de grupos de amigos de MOMENTO FEMININO. Esses grupos serão o nosso sustentáculo e o nosso estímulo.

Você — amiga — veja no seu circulo de relações essa possibilidade; organize uma, duas, dez, cem amigas suas e com elas ajude nosso jornal que é seu jornal.

Você quer fundar um grupo de "Nossas Amigas"? Venha à nossa redação a qualquer hora.

MUNDO DE HOJE



MUNDO DE HOJE



MUNDO DE HOJE

ENEIDA

Desde os primeiros números deste jornal clamamos pela união de todas nós, mulheres brasileiras, em defesa de nosso lar, em defesa de nossos direitos de cidadania e de nosso direito à felicidade. Nosso apelo não será em vão, estamos certas. E agora mesmo temos um exemplo de como é possível fazer-se uma ampla união quando vemos nos jornais que realizou-se em Praga a Festa organizada pela Federação Mundial da Juventude Democrática. Durante quatro semanas 100.000 jovens de todas as partes do mundo reuniram-se para estreitar os vínculos de amizade e de mútua compreensão. O governo tchecoslovaco e a União da Juventude Tcheco apoiaram inteiramente a F.M.J.D. assegurando assim o pleno êxito dessa festa de confraternização. Estádios, parques, teatros, piscinas, castelos e escolas de Praga foram postos à disposição dos jovens. O programa desse grande encontro abrangia todos os aspectos da vida e das atividades juvenis, colo-

cando em primeiro lugar as manifestações culturais, artísticas e esportivas. A Conferência discutiu as questões vitais da juventude de hoje: a paz, a cooperação, as necessidades dos jovens. Em quase todos os países organizaram-se "Comitês do Festival" a fim de eleger representantes para essa grande assembleia, ou melhor, nesse grande apertar de mãos de jovens. A Dinamarca mandou uma delegação de 3.000 jovens. A Mongólia, a Austrália, a Índia, os mais distantes países mandaram seus jovens à Praga. E vale a pena ler-se o que a escritora francesa Simone Tery escreveu sobre ele: "Aqui, nesta democracia popular, como nas suas irmãs da Europa centro-oriental, se pode dizer afinal que Hitler na verdade morreu para sempre!" E conta que a delegação da juventude inglesa era recebida por estudantes, operários e moças da juventude do Partido Conservador inglês. E esse espetáculo como o de "jovens da União Soviética discutem política internacio-

nal com os «boys» do Partido Conservador Inglês, moças da Coréia trocam idéias com jovens de Paris ou de Roma. Durante o dia milhares deles trabalham na reconstrução de Lidice, e visitam fábricas e granjas." Esse um grande exemplo para nós outras mulheres de Brasil. Para a defesa da Paz, para a construção democrática de nosso país e do mundo nossas divergências devem ser afastadas, vencidos os nossos desentendimentos, e — mãos dadas — defendermos nossos direitos como mulheres e como cidadãs.

olhamos para a Conferência esperando que ainda haja nesses homens que aí estão, principalmente em alguns dos delegados, a firme vontade de defender os problemas de seus povos e lutar contra as manobras dos provocadores de guerras e dos que querem ser senhores do mundo.

Um trecho da mensagem das mulheres espanholas às mulheres do mundo:

«Ajudai-nos a terminar com o regime fascista de Franco, exigindo dos governos de vossos países se ainda não o fizeram, o rompimento de relações diplomáticas com Franco!»

Mulheres democratas, se quereis consolidar a democracia em vossos países, se quereis a paz no mundo, ajudai-nos a terminar com esse feroz fascista, perigo para novas guerras: o regime franquista! Viva a solidariedade entre as mulheres democratas de todo o mundo! Lutar contra Franco é uma de nossas tarefas.

CURIOSIDADES DO NOSSO IDIOMA

Uma locução que usamos ainda, porém menos do que nossas avós, que a usavam muito, e que vai perdendo aos poucos de sua frequência verbal, isto é, vai começando a desaparecer, é a "camisa de onze varas". Quando alguém está numa complicação, quando se encontra em apuros, quando não sabe como livrar-se de uma situação embaraçosa, incômoda ou ameaçadora, diz-se que está "metido em camisa de onze varas". De onde terá vindo essa expressão? É preciso remontar a muito longe, para se lhe descobrir a origem, ao tempo em que o condenado à morte, para se dirigir ao local da execução, era vestido num camisolão muito comprido, muito largo, de mangas imensas (lembramo-nos de nosso Tiradentes, para exemplo), a camisa que gastava "onze varas" (cerca de onze metros, pois a "vara" era medida que variava entre seis decímetros (a vara saxônica — e onze decímetros — a vara portuguesa) para sua confecção... E era difícil que o pobre diabo que a vestia pudesse livrar-se dela ainda com vida...

Outras expressões que não tiveram origem das mais risonhas, pois nos vêm dos suplicios da Inquisição, e que, entretanto, empregamos muitas vezes, até em sentido humorístico, são "estar em talas", "pôr a calva à mostra" e "enfiar a carapuça". "Fulano estava em talas para responder às perguntas do examinador... Sicrano ficou "entaleado", com as palavras na garganta", etc., são coisas que dizemos frequentemente, esquecidos ou ignorantes de sua origem. No entanto, as talas eram um terrível instrumento de tortura inquisitorial. Da mesma forma, punha-se "a calva à mostra" ao herege ou infiel, como operação preliminar, raspando-se-lhe a cabeça antes de enviá-lo à câmara das torturas. Quanto à "carapuça", fazia parte da indumentária do condenado pelo Santo Ofício (já então a "camisa de onze varas" tinha sido substituída pelas "calças pardas" e a "bacta", com o complemento da carapuça à cabeça...)

Inúmeras são as locuções que nos vêm do Santo Ofício, e guardaremos algumas para a próxima vez. Entretanto, damos, a seguir, outras expressões tiradas dos Evangelhos e da Bíblia, tais como "ninguém é profeta em sua terra" (S. Math. XIII, v. 57) e "dar pérolas a porcos" (O mesmo, VII, v. 6), "paciência de Job"; "arca de Noé", etc., além de outras citações e frases feitas: entrar em qualquer coisa "como Pilatos no Credo" — "carregar a sua cruz", "beber o cálice até as fezes", "andar de Herodes para Pilatos", "lavar as mãos como Pilatos, etc., etc... E por hoje... basta!

MOCAMBOS

Conte de Yvone de Miranda

Galdino enfiou o dedo grande do pé na poça d'água, ajeitou-se melhor na pedra em que se sentara e encostando a cabeça raspada numa das tábuas podres que constituíam a fachada do seu mocambo, deixou-se ficar imóvel, sem dormir, sem pensar, numa completa apatia.

O som nostálgico e claro, erguendo-se do fundo da noite, numa espécie de rítmico gemido, triste e resignado, trouxe-o à realidade. Mexeu-se. Estava tão bem, sem pensar, sem sentir!...

Ficou inquieto.

A voz cheia de amargura do Juca tinha o poder de torná-lo sensível. Sempre que a ouvia uma sensação inexplicável tolhia-o. Não sabia se era de bem ou mal estar, se era dor, se era saudade; não sabia se aquela voz lhe agradava ou aborrecia. Sentia-se lá por dentro como um homem no meio de uma nuvem de fumaça, de uma fumaça que não ardesse na vista, que não ardesse nos pulmões...

... E nas águas do Capiberibe boiava seu corpo esfaqueado... gemia o cantor.

Diabo de mulato — pensou — vesgo e raquítico, mas que garganta! Sua voz parecia alcançar as estrelinhas que brilhavam lá em cima.

Olhou o céu. Por entre as folhas espalmadas dos coqueiros a lua brilhava suavemente...

A lua também brilhava assim, através do canal do engenho naquela noite... Fôra em junho de...

Gente, já nem se lembrava do ano! Estava ficando com a cabeça fraca.

Tirou uma lasca de pau colocada atrás da orelha e começou a esgaravatar os cacos dos dentes.

... A dansa estava no auge. Com a sangue a ferver, fôra arrastando Isabel do meio dos outros pares e quando ela dera pela coisa, já estavam no canal, lençol verde, ondulado pelo vento...

Naquê! tempo era homem de fato!

... Mulher andava naquilo, andava, andava... prosseguia a voz.

Galdino olhou novamente a lua e reviu o rosto assustado de Isabel, ouviu suas palavras: — "Gente, que horror, Gardino, como estamos longe dos outros! Vamo vortá? Voltar! Nada o teria feito voltar!

Parecia sentir novamente o corpo delgado vergando sob o peso do seu, os fracos protestos da moça, depois, o rosto humedecido pelas lágrimas dela, a pressão forte daqueles dois braços roliços em volta do seu pescoço... Em cima a lua, esta mesma lua, clareando eles, clareando tudo...

A criança, pançuda, impaludada, levantou-se de onde



estava sentada a mexer com um sapo, e aproximou-se de Galdino.

— Pai, eu não pode entá?

— Não.

— Eu quê drumi — choramingou o menino.

Olhou o filho e respondeu, arrastado, com preguiça:

— Deita aqui, "bichinho".

A criança trepou-lhe no colo, enroscou-se, enfiou o dedo sujo na boca e, com a mão direita, agarrou-lhe o lóbulo da orelha, preparando-se para dormir.

De dentro do mocambo saíram fracos gemidos e o som abafado de palavras.

Galdino permaneceu imóvel. A voz enfeitada do Juca prosseguia, enchendo de sonoridade a noite e de uma vaga inquietação a sua alma.

Era estranho, só quando o mulato cantava é que se lembrava daquelas coisas de outros tempos!

... Mulher andava naquilo, andava, andava...

Sim, mulher andara naquilo; foram os olhos prescru-tadores e maus de Da. Marocas, a madrinha de Isabel, que os fizera fugir para o Recife.

Se ela, a poderosa senhora do engenho, viesse a descobrir que a afilhada, cria da casa, fôra desonrada e desonrada, não por algum de seus filhos, mas por um dos "molques" do engenho, o fim deles teria sido ruim. Por isso, tinham preferido a fuga...

O primeiro "bichinho" ainda nascera num quarto, velho mas de parede e coberto de telhas; tivera mais sorte do que os outros! Dois anos depois morrerá. Seguiram-se mais quatro. Dos cinco desgraçadinhos só este escapara! Desejara ardentemente uma filha, que não viera.

Apurou o ouvido. Os gemidos lá dentro se multiplicavam. Talvez viesse agora...

Não, para que? Este ano fôra o pior. O interventor o obrigara a deixar o antigo mocambo. Lá, era melhor. Logo que chegara a este, a tísica tomara conta de seu corpo enfraquecido.

Olhou as águas estagnadas do brejo de onde a lua tirava reflexos prateados.

A voz apagará-se e agora só o coaxar das rãs e os rumores surdos no interior do mocambo perturbavam a morna quietude da noite.

Começou a tossir violentamente. O menino acordou mas não mudou de posição. Ele ergueu-se sufocado pela tosse e apertando o filho de encontro ao peito, tossiu, tossiu até o catarro desprender-se dos pulmões esburacados. O escarro foi cair sobre uma das poças e ali ficou, vermelho, boiando na água infecta.

Galdino, esgotado pelo esforço, voltou a sentar. O sono veio de mansinho.

— Seu Gardino!

Sobressaltou-se.

No retângulo da porta destacava-se, sobre a pálida claridade do interior, o vulto magro e arqueado da velha.

— Tudo bem, disse a mulher.

Indiferente, Galdino encaminhou-se para a entrada do mocambo.

— É uma menina, seu Gardino...

— Uma menina?!

Ficou um instante atordoado. Depois, uma forte corrente de sangue quente, vigoroso, percorreu-lhe o pobre corpo corroído pela tísica.

Esqueceu a miséria material, a miséria física, todo o horror de sua existência fracassada, a proximidade do fim, e com um grito de prazer, desgraçadamente humano na sua absurda inconsciência, atirou o filho nos braços da mulher e precipitou-se para o sórdido interior...

No céu, uma nuvem maior ia os poucos escurecendo a lua. Na terra, os sapos continuavam a coaxar nas águas infectas e uma brisa suave encrespava as folhas dos coqueiros que se mantinham erectos, indiferentes aos sofrimentos e as fraquezas humanas...

MOMENTO Feminino

EXPEDIENTE

DIRETORA:

ARCELINA MOCHEL

REDATORA-CHEFE:

LIA CORREIA DUTRA

SECRETARIA:

SILVIA LEON CHALREO

REDATORAS:

ENEIDA COSTA DE MORAIS

MAURA DE SENA PEREIRA

GERENTE:

HELOISA RAMOS

CHEFE DE PUBLICIDADE:

GLÓRIA CORDEIRO DE ANDRADE

Redação e Administração:

RUA DO LAVRADIO, 55 - 1.º andar

Caixa Postal 2013 — Rio de Janeiro

Número avulso: Cr\$ 1,00 — atrasado:

Cr\$ 2,00



ASSINATURAS:

3 meses Cr\$ 12,00

6 meses Cr\$ 22,00

12 meses Cr\$ 40,00

DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Antea Ltda.

(Distribuída em todo o Brasil)

Poema

ADALGISA NERY

Especial para "MOMENTO FEMININO"

Que faremos depois das circunavegações do [pensamento?]

Depois de todas as experiências dos sentidos?

Da intimidade dos acontecimentos?

Que faremos depois de registrarmos

A fragilidade da inteligência

E sentiremos que a espécie é um simples tremor de

[desagregações?]

Que faremos depois do pranto

Se a convicção no desconsolo da sua utilidade

Chegou antes do sofrimento,

Se sabemos que a única estrada para os nossos pés

Não é de terra fértil

Que semeada frutifica

Mas de areia movediça esteril e morta?

Que faremos se a realidade e o tédio

Cegaram os olhos da nossa alma

E o amor total não veio

Para absorver a nossa faminta inquietação?

Que faremos se a realidade e o tédio

Diante das águas?

Diante da noite?

E diante da Estrela D'Alva?



Eva Peron esteve entre nós, depois de uma viagem pela Europa. Atacada por uns, defendida por outros, fomos ouvi-la na entrevista coletiva à imprensa, terça-feira última na A.B.I. Pessoalmente Eva é uma linda mulher. Abusando de jóias. Pareceu-nos rápida de raciocínio e com uma longa prática de responder perguntas, inclusive as meio arrogantes.

Havia uma série de perguntas já formuladas e meografadas. Ingênuas umas, outras mais argutas. Ao nosso jornal interessava ouvi-la sobre o papel da mulher americana na defesa da paz mundial. Sua resposta foi boa: — "defendendo seu lar, sua família e essa grande família pública que é a Pátria, está a mulher defendendo a Paz. As mulheres não abandonam o lar pela política, fizeram dos dois um só instrumento de defesa de seu bem-estar e de sua felicidade".

Confidências...

Todas as mulheres sofrem. Mas todas podem ser felizes. Essa felicidade está sempre ao nosso alcance, desde que saibamos utilizar os nossos sentimentos.

Ninguém deseja viver sob o peso do desprezo, embora às vezes sejamos conduzidos a desprezar alguém.

Fala-se muito em destino, em fatalidade. E quantas vezes nos deixamos arrastar por essa suposição de que alguma coisa de desagradável que nos aconteceu foi obra do destino! Com isso perdemos a alegria, o bom humor e a oportunidade de ser felizes.

Achamos que o AMOR é um complemento de nossa vida, não é verdade? Entretanto, quantas vezes nos vemos perseguidas por uma dor estranha, indefinível, mas, afinal, muito sentida, quando esse amor não é correspondido com a mesma intensidade?! Então nos julgamos as únicas culpadas, vemos só os nossos pontos negativos, escurecemos nossos dotes e chegamos ao cúmulo de nos sentir inferiores. Ou então nos deixamos dominar por uma vaidade doentia, uma auto-suficiência lamentável.

Realmente, em muitas dessas ocasiões a culpa é nossa. Mas, nunca devemos cair em desespero. Pelo contrário, nesses momentos devemos analisar o que fizemos de mal e de bem, ver o que descontentou a alguém que tanto queremos, para encontrar a causa do que está nos dando tanto desgosto.

Temos amigas. Fazemos confidências. E não devemos deixar de fazê-lo. Em certos momentos da vida nossas amigas são capazes de nos fazer renascer a felicidade supostamente perdida.

Pois bem, em "MOMENTO FEMININO", querida leitora, você encontrará boas amigas, que se esforçarão por viver os seus dramas e ajudá-la a resolvê-los com conselhos fraternais e sinceros.

Escreva-nos. Conte-nos suas tristezas, suas dificuldades sentimentais e suas alegrias. Teremos muito prazer em atendê-la com todo o carinho.

Esta nova seção surgiu para responder ao seu coração e para lhe dizer sempre que a felicidade nos é necessária. Tudo devemos fazer para conquistá-la.

MARIA CLARA

MEDICINA E SAÚDE

DRA. ELINE MOCHEL MATOS

SIFILIS NO RECEMNASCIDO

Quando a gestante infectada não faz o pré-natal ou o faz de forma incompleta, corre sempre o perigo de ter um filho doente.

Muitas crianças nascem aparentemente sadias, outras, porém, já marcadas pelo flagelo da sífilis. Queremos chamar atenção, aqui, para certos sintomas que as criancinhas apresentam e que seus pais, pouco esclarecidos relegam para segundo plano, quando na verdade, são de grande importância para a pesquisa da sífilis congênita e seu consequente tratamento. Vejamos: nas primeiras semanas de vida, em muitas crianças aparece um "fungado", como se o garoto estivesse resfriado. As mães costumam dizer "meu filho está resfriado". Entretanto, raramente é um resfriado, mesmo com a corisa presente e o entupimento do nariz que chega às vezes a impedir a mamada. Trata-se de uma inflamação sífilítica, — rinite luética — que pode acarretar a destruição do arcabouço osseo do nariz e trazer deformações tais como o nariz em forma de sela ou de bulldog. Outras vezes são as "bolhas" que aparecem nas palmas das mãos e plantas dos pés dos recém-nascidos e que se transformam depois, em feridinhas. A mãe inexperiente atribue a "coceiras"; a vizinha diz também que o seu filho teve essas mesmas coceiras e «receita» uma pomada.

Esta "coceira" que parece inocente pode bem ser um dos sinais mais sérios da sífilis congênita. É o peúfigo sífilítico.

Ainda mais; o espessamento e dureza da pele. As partes mais atingidas são as mãos, os pés e a face. Nestes casos é comum encontrar-se as ragades ou "feridas" no canto da boca, como chamam comumente. Costuma-se dizer que é a unha da criança que arranha e não se leva muito a sério a tal feridinha no canto da boca. Palidês esquisita cor terrosa da pele, rachaduras nos pés ou não mãos, queda dos cílios ou das sobrancelhas; queda de cabelos, sobretudo na parte anterior do crânio, deformações nas unhas, em geral fracas, quebradiças e moles são outros tantos sinais de sífilis congênita.

Devemos suspeitar de certas manchas que aparecem no corpo das crianças sobretudo nos braços, nas pernas, mãos, pés, pescoço e face.

Os pais vêm nessas manchas um «sinal» e até se recordam de que um parente também teve esse sinal.

Outro sintoma sério, se bem que não seja frequente é a chamada falsa paralisia de Parrot. A crian-

ça apresenta um entumescimento vermelho e doloroso, na região do cotovelo com imobilidade do braço. Isto traz um grande sofrimento para a criancinha.

Você já deve ter visto certas crianças, cuja cabeça chama atenção pela sua forma. Parecem quadradas, oblongas, sucadas ao meio; outras vezes é a testa que é projetada para a frente, é a "fronte olimpica". Pois todos esses defeitos são de origem sífilítica.

Quando a sífilis compromete o sistema nervoso, então é muito mais grave; a inteligência é comprometida e o tratamento é de pouco ou nenhum resultado. A hidrocefalia (cabeça d'água) é um atestado doloroso deste estado.

Outro sinal fácil de pesquisar é o gânglio de Ricort. Trata-se de um "carocinho" que se procura, palpando com os dedos, um pouco acima do cotovelo, em ambos os braços.

Querida leitora se você é mãe e naturalmente, se interessa muito pela saúde de seus filhos, pesquise nêles estes sinais que acabamos de ensinar.

De certo você não irá encontrá-los juntos; e às vezes só um pode ser reconhecido. Pode ser um fungado isolado, ou a cor terrosa da criança ou uma pequena mancha inocente no rosto ou uma feridinha no canto da boca. Nosso desejo é que você não encontre nenhum desses sinais ou sintomas; você deve ter feito o seu pré-Natal. Mas, se por acaso, os encontrar, não vacile em levar as crianças ao primeiro posto de saúde para tirar as dúvidas e tratá-lo convenientemente.

Seus afazeres domésticos, sua situação econômica, de certo que são fatores que contribuem para que você não possa levar sempre seu filho ao posto de saúde. Os remédios são caros, não há dinheiro. Então você e suas amigas que moram nos morros, nos subúrbios, distantes dos hospitais que, aliás, são raros, devem levar às autoridades competentes, seus justos pedidos para que sejam colocados postos de saúde de emergência nesses lugares com assistência médica gratuita e distribuição de remédios. Assim a população dos morros e das favelas não se sentirá tão abandonada, morrendo à míngua. Assim seus filhos poderão ser tratados como seres humanos como é de direito; evitando que sejam homens e mulheres inutilizados. Portanto, não desanime na luta pela saúde de seu filho, um futuro brasileiro que muito pode fazer pela sua Pátria, desde que tenha saúde.

Creches e Maternidades para o Povo

O direito à maternidade nos é garantido pela constituição. Mas nem todas as mulheres têm o direito de ver no Bra-



sil, seus filhos crescerem fortes, alegres, sadios. O governo descuida-se de providenciar os meios às mães e às crianças. O espetáculo diário que nossos olhos deparam entristecidos é de mães com filhinhos no colo pedindo esmolas, é da falta de hospitais, de creches, de maternidades. Falamos tanto em "Cidade Maravilhosa", perguntamos a todos os que nos visitam se viram a beleza de nossa baía da Guanabara. E esquecemos que para tantas crianças a cidade é triste e a baía não existe em beleza. Uma obrigação é de todas as mulheres: reforçar as uniões femininas e pedir muito, pedir sempre aos governantes que salvem as nossas crianças, que ajudem as mães do Brasil!

LEIAM
"O SERVIDOR PÚBLICO"
Em todas as bancas de jornais



PRIMEIRA FESTA DE "MOMENTO FEMININO"

Dia 29 do corrente MOMENTO FEMININO realiza sua primeira festa cultural com uma conferência na A.B.I. às 20 horas.

Nossas leitoras ouvirão Ligia Lessa Bastos falar sobre "A mulher como Educadora". Sagramor de Scuvero sobre "Assistencia social, governo e povo" e Arcelina Mochel sobre "A mulher no mundo de hoje".

As ilustres vereadoras serão apresentadas por Odila Schmidt.

Convites para essa festa na redação, rua Lavradio 55, sala 14.

Anuncie em

MOMENTO FEMININO



PUERICULTURA

BANHO — VESTUÁRIO — REPOUSO

Margarida

Um riso alegre encheu a sala, enquanto Luisa abria a porta.

— Pode entrar, Dr. Roberto. O chapéu, por favor... — Está satisfeita. A voz clara, cheia de vivacidade!

— É verdade. Recebi do Norte uma caixa de rendas para o enxovalzinho de meu filho. Parece que a criança vai ter muita sorte, os presentes estão chegando cedo.

— A senhora é supersticiosa, da Luisa.

— Acredito um pouco nessas coisas... Desde pequena comecei a ouvir mamãe repeti-las em casa a todo instante e a respeito de tudo.

— Cuidado, da Luisa, se algumas dessas crianças são inofensivas outras são prejudiciais... Não preste atenção a tudo que lhe disserem. Apenas o médico pode ensinar-lhes conceitos seguros sobre a criança e os meios de torná-la feliz. Hoje conversaremos sobre o bebê...

— Ótimo! Esperava esta ocasião para lhe perguntar sobre as primeiras providências a tomar depois do nascimento de meu filho.

— Da Luisa, os primeiros cuidados com o recém-nascido não são ministrados pela mãe e sim pela pessoa que a assiste, o médico ou a parteira, e consistem na ligadura e secção do cordão umbilical e na limpeza dos olhos.

A falta de asseio no desempenho dessas pequenas tarefas pode ter sérias consequências como o tétano umbilical, grande responsável nos coeficientes de mortalidade infantil e a cegueira.

— Mas... Dr. Roberto algum trabalho há de ficar reservado para mim quando terminar o período de repouso.

— Naturalmente, não tenha dúvidas a esse respeito... Existe ainda uma sé-

rie de coisas que constituem a rotina da higiene do bebê e que a senhora deve conhecer para melhor assegurar o bem-estar de seu filhinho. O quarto da criança onde toda mulher se esmera em prodigalizar p e q u e n i n a s atencões visando sempre embelezá-lo, como o vestuário e o banho, exigem certos requisitos sem os quais o desenvolvimento e a tranquilidade da criança podem ser prejudicados.

— Começemos pelo banho.

— Sim. Façamos um ligeiro exame das coisas necessárias para que o banho da criança satisfaça suas finalidades, em condições verdadeiramente higienicas. A banheira ou bacia destinada ao banho do bebê deve ser desinfetada, primeiro com água bem quente e sabão, em seguida com um pouco de álcool. A banheira será inclinada em várias direções para que a chama do álcool atinja todos os pontos da superfície interna. A água em que vai mergulhar o corpinho da criança precisa antes ter sido fervida.

— E a temperatura?

— A temperatura da água deve corresponder à do corpo do menino, isto é, de 37°. Tudo que for necessário à toilette do bebê precisa estar ao alcance da mão: sabonete, uma vasilha com água fervida para a limpeza do rosto, um pouco de algodão, uma toalha felpuda e as peças do vestuário. Durante o banho a senhora não deve esquecer de conservar a cabeça da criança fora da água. Depois de enxugar-lhe a pele com suavidade e fazer-lhe a higiene do rosto e dos olhos...

— Começará o trabalho de vesti-la. Há alguma coisa a observar no enxoval? Es-tou apenas começando a costurá-lo e poderei seguir fielmente seus conselhos.

— O vestuário da criança deve ser de tal maneira que não impeça seus movimentos, deixando-lhe ampla liberdade para agitar os braços e as pernas. Das peças do enxoval do bebê deve ser banido o excesso de fitas e de bordados que podem machucar-lhe a pele delicada.

— Não hei de esquecer essas recomendações. A simplicidade predominará na roupinha de meu filho.

— Vejamos ligeiramente as condições higienicas para o quarto do bebê. A cama onde a criança passará grande parte de seus primeiros meses de vida tem de ser simples e de fácil asseio, colocada num quarto onde a luz entre com abundância, sem contudo atingir o exagêro de uma claridade muito viva que possa incomodá-la.

— As janelas do quarto de meu filho podem ficar abertas?

— Sim. O ar necessita ser renovado com frequência e o ambiente permanecer numa temperatura adequada. No quarto da criança não é recomendavel o acúmulo de moveis nem a presença de flores. Um sono tranqüilo será para seu filhinho um fator importante de desenvolvimento.



Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. Poetisa e jornalista brasileira é uma das mais cultas e dedicadas empreendedoras do movimento estudantil entre nós. Ana Amélia é a presidente da Casa do Estudante do Brasil, dedicando a esse organismo toda a sua energia e compreensão humana.

LEIA "RAIOS X"

Órgão oficial do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Médicas.

Doenças das Senhoras e Senhoritas

DR. VICTOR HUGO

Consultórios: Ed. Darke de Mattos

RUA 13 DE MAIO, 23 - 17.º andar - Sala 1719 - Fone 42-9084
RUA SÃO JOSÉ, 27 - sobr. - Tels. 42-5275 e 22-0461

NO SÁBADO A ELEIÇÃO DA RAINHA DOS AEROVIÁRIOS

Conforme noticiamos, a grande classe dos aeroviários acha-se voltada para a eleição da sua Rainha. Todas as companhias se mobilizaram na gentil batalha dos votos. Há entusiasmo, vibração e alegria. Os cabos eleitorais estão a postos, as belas candidatas pensam na glória, na festa e nos prêmios que coroarão as eleitas, todos os aeroviários lutam pela sua Rainha.

A hora em que estiver circulando o nosso jornal, já será conhecida a princesa de cada companhia, em virtude da apuração preliminar, que se realizou ontem à noite, na sede do Sindicato dos Aeroviários. Lá mesmo, no entanto, as urnas continuam

à disposição dos interessados, pois a batalha continua, continua a disputa entre as princesas, os votos continuam a chover. Só amanhã, às 21 horas, terminará a votação, devendo a apuração final processar-se no High-Life, às 22,30 horas.

Amanhã, portanto, quando soarem as 23 horas, a mais votada das princesas será proclamada Rainha de todos os aeroviários, seguindo-se a coroação da vitoriosa aeroviária pelo Ministro do Trabalho.

Viagens, cheques e custos mimos serão oferecidos pelas várias companhias à Rainha e às quatro princesas dos aeroviários do Brasil.

Prazer Em Conhecê-lo

Amiga, apresento-lhe hoje:

1) — HENRIQUE DIAS — Creio que você o conhece muito de nome. Negro pernambucano foi um dos heróis da guerra holandesa lutando em defesa da integridade de nossa pátria. Organizou um exército de negros que passou à História sob o nome de "Henriques" que existiu até à independência do Brasil. Sua primeira campanha contra os holandeses começou em 1633 e durou até a expulsão destes, em 1654. Foi ferido oito vezes. Não se sabe direito em que ano ele nasceu, mas sabe-se que morreu em 8 de junho de 1662.

2) — FREI JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA — Muito mais conhecido por Frei Caneca (1779-1825). Frade pernambucano, poeta e orador, político e jornalista. É considerado como um dos maiores revolucionários do começo do século XIX no Brasil. Era um homem simples, inteligente e "maniaco pela liberdade brasileira". Tomou parte no movimento revolucionário pernambucano de 1817 sendo preso, posto a ferros e deportado. Voltando à Recife dirigiu a revolução de 1824. Era republicano ardoroso; lutava por um Brasil autônomo, confederado, republicano. Por tudo isso foi fuzilado em 13 de janeiro de 1825.

Você quer ser apresentada a alguém vivo ou morto? É só escrever para nossa redação: rua do Lavradio 55, 1.º andar, sala 14.

Dr. Linandro Dias

Doenças internas — Tuberculose

Radiologia pulmonar

Consultório: Av. Rio Branco, 257 - 18.º and. Sala 1001.
Das 14 às 18 horas, às terças, quintas e sábados.
Telefone: 42-4443

Residência: — Rua Amorofo Costa, 91 — Tijucas
Telefone: 38-8837

Cartas De Amor

De ALFRED DE DREYFUSS

Prisão de "Charcho-Midi"
27 de dezembro de 1894

Minha querida Lucia

Teu heroísmo me contagia; fortalecido pelo teu amor, fortalecido pela minha consciência e pelo apoio inabalável que encontro na minha e na sua família, sinto minha coragem renascer.

Lutarei, pois, até o ultimo sôpro, lutarei até minha ultima gota de sangue.

Não é possível que um dia a luz não se faça; sentirei teu coração bater junto do meu, suportarei todos os martírios, todas as humilhações, sem curvar a cabeça. Teu pensamento, minha querida me dará as forças necessárias.

Decididamente, minha adorada querida, as mulheres nos são superiores; entre elas, és uma das figuras mais belas e mais nobres que eu conheço.

Eu te amava profundamente, como sabes; hoje, faço mais do que isso: adoro-te e venero-te. És uma santa, és uma mulher nobre. Tenho orgulho de ti, e tudo fezei para ser digno de ti.

Sim, seria uma covardia desertar da vida; isso seria manchar e envilecer para sempre o meu nome, o nome dos meus queridos filhos. Compreendo-o hoje, mas, que queres, o golpe era cruel demais e eu tinha perdido a coragem; foeste tu que m'a devolveste.

Tua alma faz vibrar a minha.

Assim, apoiados um no outro, orgulhosos um do outro, conseguiremos reabilitar nosso nome; reabilitaremos nossa honra, que nunca cedeu.

Beijate como te amo.

ALFREDO

"MOMENTO FEMININO" QUER SER UM JORNAL REALMENTE FEMININO; PARA ISSO PRECISA DA COLABORAÇÃO DAS SUGESTÕES DE TODOS.



Depende de ti a vida de teu jornal.

Promove campanha de assinaturas, arrolamentos

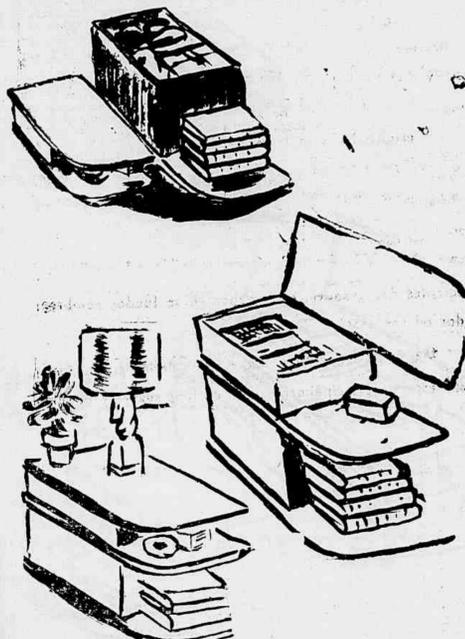
etc. Torna-o conhecido de tua família e de teus amigos.

Lingerie



Nenhuma criatura feminina deixa de se preocupar com aquilo que chamamos "roupas de baixo", "roupa branca" e que os franceses chamam deliciosamente "lingerie". A palavra é tão bonita que é usada em todas as línguas... E as mulheres adoram uma combinação bonita, uma linda camisola... Hoje apresentamos a vocês modelos simples, de fácil confecção. A seda está barata. Façam esse jôgo de: calça, combinação e camisola. A renda larga é o "nico enteite". Mas vejam que lindas peças. Naturalmente que a saia da camisola é "ôdet". Da combinação também.

DECORAÇÃO



Veja este mozelzinho agradável e cômodo para ser colocado ao lado de sua cama ou de seu sofá. Arrumado ele nem parece que guarda tanta coisa! Na primeira figura está fechado. E' uma mesa com três prateleiras. Nelas há livros, caixas de cigarros, cinzeiros. Mas a tampa abre e dentro dela há o que você pode guardar pequenos objetos. Separe a primeira parte da segunda e nesta há ou tra gaveta mais funda, e portanto muito mais espaço para guardar coisas. Um mozelzinho tão simples, mas como é útil e como resolve o nosso triste problema de falta de espaço nas casas ou apartamentos de bonecas em que vivemos.



SEU PENTEADO, SUA PERSONALIDADE

Todas as mulheres possuem uma personalidade mas são raras as que sabem valorizá-la tirando proveito dos próprios defeitos. Por que? Porque a maioria acompanha cegamente a moda, esquecendo que deve interpretar as tendências tendo em conta o físico de que é dotada.



beza não reside na perfeição de traços e sim na definição de uma personalidade. Ninguém é responsável pelo rosto que tem mas todas são responsáveis — e muito — pelo encanto desse rosto.

O penteado é, incontestavelmente, de importância capital a beleza do rosto e são raras as mulheres que sabem encontrar um penteado de acordo com sua personalidade.

O cabeleireiro francês René Garrand dá-nos nesta página ótimas lições.

Diz ele:

O penteado deve acentuar as características do rosto, adaptar-se à sua linha predominante e acentuar sua figura geométrica. Ninguém ignora que os rostos são redondos, quadrados, ovais ou triangulares. A maioria das mulheres procura atenuar as linhas excessivas de seu rosto. E' um grave erro que liquida a personalidade feminina.



A figura 1 valoriza o rosto quadrado, com uma grande ondulação no alto da cabeça e o cabelo caindo em linha suave antes do queixo. O penteado próprio a esse tipo deve guardar sua linha.

O rosto redondo (fig. 2) exige penteados para trás, muito repuxados e presos em grandes doques em baixo das orelhas.

O rosto comprido (fig. 3) deve ser enquadado em cabelos curtos, muito crespos enquanto o resto da cabeça fique chato. E' o chamado penteado "Aiglon" que foi e ainda é tão da moda em Paris.

Para o rosto oval (fig. 4) serve qualquer penteado. E as mulheres desse tipo são as que têm direito a usar toda espécie de toucados.

Enunciados esses princípios resta à mulher procurar a correspondência entre seu rosto e essas figuras elementares. Quando o conseguir, procurar pelos conselhos acima o gênero de penteado que lhe convém.

Não esquecendo nunca que a nota pessoal do penteado é sinal de inteligência e bom gosto.

Mulheres que trabalham

SIMONES

Mulheres que trabalham... talvez nunca as figurinhas ou os costumes tenham pensado no problema da mulher que trabalha. Digo pensado de uma maneira específica psicológica. A emancipação econômica é de certo a chave de todos os segredos da vontade e da inteligência. Uma mulher economicamente emancipada é muito mais senhora de si do que qualquer outra que viva à sombra de proteções familiares ou sentimentais. Assume desde logo o seu próprio domínio, reveste-se de uma ponderável capacidade de autodireção. Pensa por conta própria, visualiza os problemas humanos com a possibilidade dos responsáveis, das vítimas ou dos algozes. Sabe que todo isso é muito complexo, mas queríamos falar na atitude daqueles que se dedicam ao "métier" de compor e executar a indumentária feminina. Sim, é bem importante o detalhe desse problema, o da mulher que enfrenta a vida objetivamente. Quando vai ao trabalho, que adquire o hábito de ser natural entre os seus semelhantes e que resente a fadiga no fim da jornada sem abandonar o que lhe oferece o ambiente social. O cinema, o teatro, a casa de chá, o esporte, a "bolte" noturna, tudo isso, também, representa o seu mundo. E como corresponder ao interesse de uma mulher mais realista do que as outras e que uma mentalidade mais avançada faz preferir as linhas mais sóbrias, os ornatos mais expressivos e as combinações mais discretas? Estudando-a psicologicamente, criando uma estética mais razoável para a sua realidade humana. Observando aquilo que recusa como enfeite vulgar, como péquise inconsequente. Fazendo de suas atitudes esclarecidas o melhor espelho para uma inspiração capaz de realçar personalidades. Quem poderia supor, por exemplo, que o genial Jean Patou chegasse a utilizar a sua tesoura miraculosa para cortar os modelos de milhares de operárias da Rússia Soviética? Quem poderia pensar em semelhante acontecimento? E, no entanto, as trabalhadoras do socialismo exigem que os seus vestidos não desajustem uma mentalidade nova e diferente. Assim é a mentalidade da mulher que trabalha.

O inverno crioua começou suas despedidas, com setores mais ou menos acentuados. E' a onda de frio que volta, de quando em vez para estabelecer uma quebra de temperatura nessa nossa magnífica capital dos trópicos. Assim, pela manhã e tempo pede ag-

malho, durante o dia o verão esprende e à tarde chega um frioãozinho serpiante que sugere casacos mais leves. De qualquer maneira, os costumes prevalecem como aconteceu durante toda a estação. E' de fato o vestuário mais adequado para o dia a dia. As blusas continuam a preocupar como um dos complementos mais indispensáveis. Tipo chemisier ou em fios tecidos, com rendas verdadeiras, são decisivas na linha de um tailleur. Começam a surgir os vestidos que os casacos três quartos completam nas horas em que o calor declina. Os tons claros são os preferidos nos dias de chuva ou de sol. O preconceito do capote escuro para os dias chuvosos não é mais levado em conta. As capas impremeável são, geralmente, brancas e as golas-bolinas, também. As bolsas a tiracolo são indispensáveis à mulher que trabalha e parece ter sido uma das mais eficientes conquistas para a época das filas. Hoje o trabalho está muito distribuído. As donas de casa trabalham para fazer compras, para encontrar o que necessitam em seu lar, para alcançarem os transportes e muitas vezes para os mais penosos trabalhos domésticos. E como atravessamos uma idade em que a vida é toda trabalho, a influência dos trabalhadores se faz sentir com graça e jovialidade. Falo nas bolsas dos peixeiros, jornaleros, vendedores ambulantes, etc. já confeccionadas em todos os couros. As bolsas geralmente devem combinar com os sapatos e com as luvas. Antigamente, poderíamos incluir, também, o chapéu. Mas, em nossos dias, à medida que os modelos de chapéus vão se tornando mais exóticos e revelam a volta de velhas formas, a mulher que trabalha está abolinando, sem sentir, essa peça complementar tão sumária! Os sapatos devem preocupar muito. São fundamentais na figura feminina. Os saltos muito altos já começam a dar solidamente uma impressão de provincianismo. Mesmo para a noite, os modelos apresentam, de um modo geral, dimensões mais comedidas. A mulher que trabalha deve ser cautelosa com os sapatos para defender sua saúde. O salto excessivamente alto deforma a posição de figura feminina, prejudica a saúde e não consegue dar uma demonstração de bom gosto. Queremos alertar os "costureiros" para um cuidado diferente e especial. As mulheres que trabalham preferem defender a própria personalidade.

M o d a s



A diversidade de tendências dos vestidos, abrigos, chapéus e, em geral, de todos os acessórios da Moda, é particularmente assombrosa nesta estação em que vemos animar-se como num desenho de Walt Disney, o estilo "en-

O Nylon e os modelos de Paris

Por Annette DELMONT — Copyright do Serviço Francês de Informação — especial para "MOMENTO FEMININO"

nudo", a "scorola", o "Tonel", o "smo", bailando a dança da moda, permitindo a cada mulher eleger o estilo que melhor combina com a sua personalidade.

Paris é como imensa palheta onde se confundem formas e cores, e nada mais enfeitador do que os contemplar.

Encontra-se sempre muito que aprender estudando as toilettes que as elegantes usam durante os meses seguintes. Sabe-se assim que este ano não somente há novas e engenhosas combinações entre a lã e a seda, o algodão e o rayon ou a fibrona, mas que nasceu novo elemento no campo da Alta Costura: o Nylon.

Diremos aqui algumas palavras sobre esta nova matéria a qual, no domínio de costura como em tantos outros, está chamada a magníficos destinos.

Dum estudo do Sr. Gravier-Jaray, perito na indústria

deste tecido, tiramos a conclusão que o nylon não é fabricado tomando por base o vidro, como erroneamente se supõe. Em realidade, é uma combinação feita em condições químicas especiais e em cuja fórmula se encontram o carbono, donde se extrai a benzina, o hidrogênio da água e dois elementos do ar: o azoto e oxigênio. Esses corpos sofrem uma série de reações antes de chegar à forma definitiva: o fio. Aquele fio alcança plasticidade desconhecida até agora e que faz do Nylon uma matéria de resistência surpreendente. Fiado, toma o aspecto da seda natural. Mistura-se a miúdo com outros textéis, porém uma casa francesa criou o «craknyl» de nylon puro, que se parece com a toletá estampado natural.

Um grande esforço se realizou no desenho dos estampados. Todas as flores se combinam, as vezes frizada de preto como nas telas de Matisse. Os arabescos e motivos de ferraria se encontram muito. Os pequenos lares são satélites dos grandes, estampados sobre fundos sombreados ou confusos.

Quanto às cores em voga, é difícil defini-las bem, mas sua escala é principalmente feita de tons suaves e mesclados, matizes muito sutis.



GRATOLOGIA

Envie sua letra e faremos seu retrato

Muita gente, apesar de revelar desordem na grafologia, pede a seu retrato grafológico. Porque será? Naturalmente pela curiosidade. Temos, certamente o maior prazer em atender qualquer consulta que nos chegue e, para satisfazer várias de nossas leitoras, esclarecemos que, em regra geral, a facilidade com que uma pessoa manuseia o caneta de seus autógrafos demonstra sua sensibilidade, maior ou menor, de vez que toda variação resulta de uma expressão ou de uma série de impressões. A escrita ordenada ou desordenada revela o sentimento de ordem ou a atividade desigual. Mas a escrita considerável para um bom estado grafológico deve ser feita fora de qualquer excitação moral violenta, como a cólera, a precipitação, o terror, etc. Cada indivíduo tem uma forma peculiar de traçar as letras, e uma disposição característica na página ou no parágrafo, e essas diferenças revelam as tendências complementares de cada um.

BARBARA — A HEBRÉICA — Sua letra revela uma bela inteligência e uma grande simplicidade de expressão. De uma rápida, lúcido e preciso. Natureza impressiva.

FRANCISCA — Sua letra revela uma bela inteligência e uma grande simplicidade de expressão. De uma rápida, lúcido e preciso. Natureza impressiva.

FRANCISCA — Sua letra revela uma bela inteligência e uma grande simplicidade de expressão. De uma rápida, lúcido e preciso. Natureza impressiva.

FRANCISCA — Sua letra revela uma bela inteligência e uma grande simplicidade de expressão. De uma rápida, lúcido e preciso. Natureza impressiva.

FRANCISCA — Sua letra revela uma bela inteligência e uma grande simplicidade de expressão. De uma rápida, lúcido e preciso. Natureza impressiva.

FRANCISCA — Sua letra revela uma bela inteligência e uma grande simplicidade de expressão. De uma rápida, lúcido e preciso. Natureza impressiva.

GILDA — Você é uma criaturinha feliz e despreocupada. Muito mimada e gratinha. Não pensa na vida como uma responsável ágil e desesperançada, justamente ao contrário disso. Caráter ainda maleável, sem grande domínio próprio, embora deseje exercer autoridade... Obstinada, sem originalidade de idéias, adota facilmente injunções, desde que não partam de quem manifeste o desejo de convencê-la. Firmeza de sentimentos. Empreendedor e muito real. Vaidosa e hábil na intriga...

GRACI — Você é uma criaturinha feliz e despreocupada. Muito mimada e gratinha. Não pensa na vida como uma responsável ágil e desesperançada, justamente ao contrário disso. Caráter ainda maleável, sem grande domínio próprio, embora deseje exercer autoridade... Obstinada, sem originalidade de idéias, adota facilmente injunções, desde que não partam de quem manifeste o desejo de convencê-la. Firmeza de sentimentos. Empreendedor e muito real. Vaidosa e hábil na intriga...

MAYTE — Temos aqui uma jovem sensata e criteriosa. Muito responsável e consciente de seus deveres. Senso econômico e espírito de ordem. Capaz de grandes surtos de pensamento e de ação. Mas cercada nas suas atividades submete-se a contragosto, fazendo, entretanto, o possível para desvencilhar-se... É afetuosa e meiga. Independente intelectualmente, e profundamente fazoável... Nervos controlados, energia firme e imensa força moral.

DORILEA — Vaidade e egoísmo, em alta dose, é o que revela a primeira vista a sua letra. Também um bom humor notável e uma grande fé nos destinos humanos, liberdade e democracia... Não é muito metódica, nem muito ordeira. Suas coisas devem andar numa confusão louca, se não houver alguém que as cuide devidamente. Sua tendência é intelectual e artística. Seus sentimentos são controversos e irregulares. Não teve ainda um grande amor. Mas deve ter vários pequenos amores...

A LETRA REVELA A PESSOA!

Pego um retrato grafológico

Nome

Pseudônimo

Inclusa uma página manuscrita em papel sem pauta.

Envie para a Caixa Postal 2043, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO —

A entrevista falhada

YVONE JEAN

A dona de casa deu um suspiro de alívio, temperado por um sorriso ultra-satisfeito. A recepçãozinha corria bem! Não era mais necessário encaminhar as conversas. Todas estavam alegres, os sanduíches tinham sido um êxito ("Que arrumação original!"), o bolo fora devorado ("Uma delícia!") e uma solteirona dizia, enquanto saboreava o chá: "Nem na China poderia estar melhor", acompanhando suas palavras com um sorriso malicioso indicando que sua frase vinha à propósito.

Com efeito a convidada de honra chegara de Shanghai há poucos dias.

— Então a Senhora passou três anos num campo de concentração? perguntava uma moça bonita, arregalando os olhos. Que horror! Eu teria morrido.

— Não se morre com tanta facilidade, disse a senhora de Shanghai. Quando é preciso, a gente pode aguentar muita coisa.

— Mas maltrataram muito a Senhora, não é? perguntou avidamente outra moça, sem reparar na voz fria da Holandesa.

— Estava sempre com fome e trabalhava sem parar, explicou pacientemente a heroína.

— Mas os maus tratos físicos, insistiu uma senhora, com olhar aceso... Os Japoneses certamente fizeram... hum!... coisas. Deve ter assistido a atos tremendos, e baixou pudicamente os olhos.

— Sofri, naturalmente, respondeu a estrangeira, com voz cansada. Mas no meu campo não aconteceram as coisas as quais parece se referir. Aliás, não me agrada muito lembrar essa época.

As mulheres que se tinham inclinado um pouco nas cadeiras, como quando chega o momento crucial de uma fita de Boris Karloff, entreolharam-se um tanto framente. Então não ouviriam nada para contar nos outros chás da semana?

— Eramos quase dois mil, explicava a ex-prisioneira, e como havia muitos velhos e crianças, somente éramos quinhentos para cuidar de toda a vida e organização do campo. Trabalhava-se de manhã à noite. Eu, como enfermeira tratava dos doentes.

Francamente, a mulher era uma decepção. E elas, que vieram à casa da amiga, entusiasmadas com a previsão das novidades sensacionais que contariam às conhecidas! Começaram a retirar-se e a Holandesa deixou-se cair numa poltrona.

— Esses periquitos, resmungou com a voz exausta. Só perguntam por curiosidade. Obrigam-me a mexer em coisas que desejo esquecer, unicamente para alimentar seus mexericos de passarinhos ociosos.

Fiquei calada e sem jeito para lhe dizer que assistira a este chá, somente para ter ocasião de entrevistá-la.

Parcela tão franzina e triste quando me disse que gostaria de visitar os lugares mais bonitos do Rio, convidei-a para um passeio no dia seguinte e não aludi às minhas intenções.

"Que beleza!", murmurou na Igreja da Glória, enquanto acariciava um azulejo.

Sorriso com tanta doçura que deixei, outra vez, de fazer a pergunta que tinha na ponta da língua.

No Largo do Botafogo sentamos num banco.

— É um lugar como este que estava procurando. A marca do passeio, a tranquilidade misturada com a beleza, o ventinho soprando das montanhas. Como lhe sou grata.

La novamente aproveitar a tranquilidade da hora para indagar sobre assuntos que poderiam dar um artigo interessante e disse somente, um pouco desajeitadamente:

— Depois de tantos anos terríveis o silêncio deve fazer-lhe bem.

Ela olhou demoradamente para mim e disse tranquilamente:

— Vou-lhe falar francamente, porque Você foi muito boa para mim. Se Você quiser pormenores sobre a China e o Japão durante a guerra, de um ponto de vista profissional, responder-lhe-ei a qualquer pergunta com muito prazer. Agora, se for unicamente por curiosidade peço-lhe não falarmos nisso porque estou cansada de mexer em coisas que me fazem mal, unicamente para agrandar ouvintes curiosos que viveram muito longe da luta.

Seu suspiro foi tão profundo que respondi somente: "Quer uma entrevista, sim... mas, outro dia..."

Depois do passeio, tomamos banho de mar, almoçamos e ofereci-lhe um divã onde caiu adormecida após ter lido um pouco, enquanto eu trabalhava noutra sala.

Acordo alegre, loquaz inteiramente diferente da mulher de véspera que parecia carregar um peso enorme nos ombros.

— Nunca adivinharia que grata lhe sou, disse. Fiquei adormecida durante duas horas pela primeira vez. Meus amigos querem agradecer-me e sempre conversam, por gentileza. O que preciso é solidão e paz. Durante três anos, nunca fiquei sózinha sem segundo sequer. Sabe o que isto significa?

É desta vez fui eu que mudei de assunto e falei no Carnaval carioca. Deixei a oportunidade escapar porque queria que seu dia de alegria fosse completo.

É foi devido a esta frequência e à estupidez das senhoras de véspera, que perdi a entrevista que ia oferecer aos meus leitores! Em troca recebi uma bela lição.

Esta mulher, que lutara de verdade, menosprezava seus sofrimentos quando todos teriam aproveitado a oportunidade para "fazer furo". Repetia que suas lutas pessoais eram pouco importantes, ao contrário das que tiram um orgulho humano do simples fato de alguma vez, terem escrito ou dito palavras de coarctura contra o fascismo. E como sabemos todos que um campo de concentração não é brincadeira, não senti ter perdido a entrevista porque recebi uma grande lição de humanidade.

ATIVIDADES femininas

COMITÊ BRASILEIRO DO PRÊMIO DO CONGRESSO DE HONRA — Presidente: Vera D'Almeida. Vice-presidente: Maria Helena Andrade Pinto. Secretária: Maria Lessa Bastos. Comissão: Maria Lessa Bastos, dra. Alcaídes e mes. Annes Cláudio.

COMITÊ BRASILEIRO — Presidente: Raul Fernandes. Comissão: Raul Fernandes, Maria Lessa Bastos, dra. Alcaídes e mes. Annes Cláudio.

COMITÊ DE MULHERES PRO-DEMOCRACIA — Em sua sede, à Avenida Rio Branco, 257, sala 715, o Comitê de Mulheres pro-Democracia realizou, a 11 do corrente, animada e concorrida assembleia, durante a qual foram eleitos os membros da nova diretoria, que ficou assim constituída: — Presidente — dra. Maria Diana Brito; vice-presidente — dra. Guiomar de Mattos; secretária geral — Elza Loureiro; 1ª secretária — Cristolana Xavier;

2ª secretária — Zula Rotberg; 1ª tesoureira — Otávia Paredes; 2ª tesoureira — Elisabeth Santos. Na mesma ocasião, foram eleitos os responsáveis das Comissões e os membros do Conselho Deliberativo. Fazem parte deste as senhoras Inez Pereira, Paula de Oliveira, Hermínia Loureiro, Zula Pessoa e Eclida Clak. São as seguintes as novas responsáveis das várias Comissões do Comitê de Mulheres pro-Democracia: Zoé de las Casas — Finanças; Zilah Meireles — Sindicância; Anita Toledo — Propaganda, Divulgação e Arregimentação; Emília Kamrad — Política-Cultural; Paula Camargo Brito — Cultural-Artística.

UNIÃO FEMININA DO FLAMENGO, CATETE E GLÓRIA — Reune-se às terças-feiras, às 20 horas, à rua Marquês de Abrantes 144, e prepara-se para comemorar no próximo mês o seu primeiro aniversário. O programa que está sendo elaborado inclui: distribuição de tecidos populares, banha e azeite; exposição de flores, as quais estão sendo confeccionadas pelas alunas do Curso de Flores, mantido pela União; inauguração de um grande Curso de Alfabetização para Mulheres, em colaboração com o Serviço de Educação de Adultos da Prefeitura do Distrito Federal.

A União Feminina do Flamengo, Catete e Glória se enriquece cada semana de novas associadas, moradores dos três populosos bairros, que estão compreendendo a necessidade de trabalhar organi-

HOTEL GRANJA ITATIAIA

(RECEM-INAUGURADO)

780 metros de alt. — Clima ótimo para repouso e week-end. Passeios aprazíveis, escalada às Agulhas Negras. — Rua Washington Luiz, 32-2º Fone: 28-4295

Dr. Francisco de Sá Pires

DOCENTE DA UNIVERSIDADE

Doenças nervosas e mentais — Rua de México, 41
Sala 806 — Diadema — Fone 22-5954

TRATAMENTO DO CASAL ESTÉRIL

MOLESTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES

Dr. Campos da Paz Filho

Ginecologista

União P. Light — Laseado pela Academia de Medicina
Edifício CARIOCA — Sala 286 — Tel.: 45-7050 24-6006

~~tar a água~~ motivo de sua angústia, e olhando para o rio com olhos cheios de lágrimas, como se lhe pedisse contas do que fizera ao irmão.

E, durante esse tempo, o rio corria tranquilamente, saltitando nos galhos que pendiam e mergulhavam ao longo das margens, e se dirigindo para os campos, com um barulhinho, como alguém que estivesse rindo e caçoando em surdina.

A idéia da desgraça invadiu e dominou Landry com tanta força, que elle perdia o juizo, e de uma coisinha que podia não ter qualquer significação, fazia uma desgraça e desesperar de Deus.

"Esse rio malvado que não me diz uma só palavra e que seria capaz de me deixar chorar um ano inteiro sem me prestar contas de meu irmão — pensa elle, — justamente neste lugar é que mais fundo, e dentro d'elle caíram tantas cascas de árvores, desde o tempo em que este rio arruina nosso prado, que aquêlle que enfiasse nesta água nunca mais poderia sair. Meu Deus! será possível que meu pobre gêmeo esteja aí, no fundo desta água, deitado a dois passos de mim, sem que eu o possa ver nem encontrar no meio dos ramos e dos juncos, mesmo que eu tentasse descer até lá!"

E, com isso, começou a chorar o irmão e a censurá-lo; nunca sentira tanto desgosto em sua vida.

Finalmente, teve a idéia de consultar uma mulher viúva, que chamavam de Mãe Fadet, e que morava na extremidade da junqueira, rente ao caminho que desce para a passagem do rio. Essa mulher, que não possuía terras e não tinha outros bens senão seu jardimzinho e sua choupana, vivia à custa dos conhecimentos que tinha dos males e das desgraças do mundo, sem precisar pedir esmolas. De longe e de todos os lados vinha gente para consultá-la. Curava por meio de "simpatias", tanto as feridas quanto as fraturas e muitas outras mazelas. Ela exagerava muito os poderes que tinha, pois livrava as pessoas de doenças que nunca tinham tido, tais como a "espinhela caída", e o "ventre virado", e eu, da minha parte, nunca tive muita fé nas coisas que diziam a seu respeito, como, por exemplo que era capaz de transferir o leite de uma boa vaca leiteira para o corpo de uma vaca má, por mais velha e mal alimentada que fôsse.

Mas quanto aos bons remédios que conhecia e applicava nos resfriamentos do corpo, a que damos o nome de frieira, quanto aos emplâstros benéficos que punha nos cortes e quimaduras, quanto às bebidas que compunha para combater a febre, quanto a isso tudo em suma, não há dývida de que a velha ganhava merecidamente o seu dinheiro, e que ourou numerosos doentes que os médicos teriam dei-

xado morrer se tivessem experimentado os remédios que elles recettam. Isso, pelo menos, era o que ella dizia, e aquéles a quem tinha salvo preferiam acreditar nella do que se arriscar.

Como, nos campos, ninguém pode ser sábio sem ser, ao mesmo tempo, um pouco feliceiro, muitos pensavam que a mãe Fadet sabia ainda mais do que dizia, e attribuiam-lhe o poder de encontrar as coisas perdidas, assim como as pessoas; enfim, do fato de ella ter muita intelligência e bom senso e ajudar os outros a resolver casos embaraçosos sempre que era possível, concluíam que ella poderia também resolver os casos impossíveis.

As eranças costumam dar ouvidos a essas coisas. Landry ouvira dizer na Priche, onde os moradores eram muito mais crédulos e simples do que na Cosse, que a mãe Fadet, por meio de certo grão que atirava na água dizendo certas palavras, podia fazer encontrar o corpo dos afogados. O grão boiava e corria sobre a água, e no lugar onde parasse finalmente, podia-se ter a certeza de que naquele ponto se encontraria o pobre cadáver. Há muitos que pensam que o pão bento têm a mesma virtude, e não há um só moinho em que não conservem um pedaço para esse fim. Mas Landry não tinha pão bento nem moinho, e a mãe Fadet morava pertinho da Junqueira; além disso, o desgosto tira a faculdade de raciocinar.

Saiu, pois, na corrida, em direção à casa da mãe Fadet, e contou-lhe sua affição, pedindo-lhe que o acompanhasse até o cortado, para tentar sua "simpatia" e ajudá-lo a encontrar o irmão vivo ou morto.

Mas a mãe Fadet, que não gostava de ser vèr ultrapassada por sua reputação e que não expunha seus talentos átoa, caçoou dèle e mandou-o embora com muita dureza, porque nunca perdoára haverem empregado a Sagette como parteira, em seu lugar, cada vez que havia mulheres em trabalho de parto na casa da Bessonière.

Landry, que era naturalmente orgulhoso, talvez se tivesse queixado ou zangado em outra circunstância: mas estava tão abatido que não disse uma só palavra e voltou para as bandas do cortado, decidido a entrar na água, embora não soubesse ainda mergulhar e nadar. Mas, como ia andando cabisbaixo, com os olhos prèsos ao chão, sentiu que lhe batiam no ombro, e, voltando-se, viu a netinha da mãe Fadet, que tódos na região chamavam de "Pequena Fadette", tanto por ser esse seu nome de família, quanto porque a julgavam um pouco feliceira, um pouco fada também. Vocês na certa já ouviram falar nos gêmios dos bosquès, que são diabretes muito engraçados mas cheios de malfeia. E existem também as fadas, nas quais a nossa gente não acredita mais.

Mas que o nome que lhe davam queria mesmo significar a fadazinha, ou a fêmea dos gênios dos bosque, isso era coisa em que todos pensavam quando a viam, pequenina, magricela, despenteada e atrevida. Era uma criança muito tagarela e zombeteira, viva como uma borboleta, curiosa como um passarinho e escurinha como um grilo.

E quando eu procuro comparar a pequena Fadette com um grilo, isso é para lhes dizer que é nada tinha de bonita, pois esse pobre "cri-cri" dos campos é ainda mais feio do que o das chaminés. Se vocês, porém, ainda se lembram de seus tempos de criança, e de ter brincado com os grilos dos campos, prendendo-os no bolso e obrigando-os a gritar, vocês devem saber que eles têm uma carinha esperta, que dá mais vontade de rir do que zangar; assim, as crianças da Cosse, que não são mais tolas do que outras e descobrem comparações, chamavam a pequena Fadette do grilo quando queriam aborrecê-la, e até mesmo, às vezes, com certa amizade, porque, se a temiam pelas suas travessuras, gostavam dela pelas histórias que lhes contava e pelas brincadeiras novas que lhes estava sempre ensinando e que ela mesma tinha o espírito de inventar.

Mas todos esses nomes e apelidos quase me fizeram esquecer daquelle que recebera no balismo e que vocês talvez desejem conhecer. Ela se chamava Françoise, e a avó, que não gostava de trocar os nomes, era sempre assim que a chamava.

Como existia, há muito tempo, uma ponte entre a gente da Bessonière e a mãe Fadel, os gêmeos não falavam muito com a pequena Fadette, e mantinham, até mesmo, certo afastamento, e nunca brincavam de boa vontade com ela e com um irmãozinho que ela, tinha, o "salão", que era ainda mais magricela e mais levado do que ela, e vivia sempre pendurado em suas saias, zangando-se quando ela corria sem esperá-lo, tentando jogar-lhe pedras quando ela caçava d'ele, irritando-se e irritando-a mais do que ela queria, pois Fadette tinha um gênio alegre e gostava de rir de tudo. Mas havia tal preconceito contra a mãe de Fadel, que algumas pessoas, e principalmente a família do pai Barbeau, imaginavam que o "grilo" e o "salão" (ou, se vocês preferem, o "ganfanhoto") dariam azar a quem se metesse com eles. Isso não impedia essas duas crianças de falar com os gêmeos, pois nada tinham de tímidos, e a pequena Fadette nunca perdia a oportunidade de saziar os gêmeos da Bessonière com toda uma série de tolices e caçoadas, de tão longe que os visse surgir.

de no momento em que a pequena Fadette a anunciara. E mal a pequena acabara de falar, logo sua saia se tinha enfumado com o vento; seus feios cabelos pretos saiam da touca, que ela trazia sempre mal amarrada e caída sobre uma orelha, e estavam arrepiados como crina; o gorro do saltão fôra carregado pela ventania, e só com grande custo Landry conseguira impedir que seu chapéu voasse também.

Em dois minutos, o céu tinha ficado negro, e a Fadette, de pé na barra da porteira, parecia-lhes duas vezes maior do que de costume; em suma, Landry estava com medo, é preciso confessá-lo.

— Fadette -- disse-lhe elle -- ou me rendo! Perco para ti, se me restituíres meu irmão. Talvez o tenhas visto; talvez saibas mesmo onde elle está. Só uma boa menina. Não sei como podes achar graça no meu desgosto. Mostra-me teu bom coração, e ficarei acreditando que vales mais do que pareces, que és melhor do que as tuas palavras.

— E por que hei de ser uma boa menina para ti? — respondeu ella — se me chamas de malvada sem que eu nunca te tenha feito mal! Por que hei de ter bom coração para dois gêmeos orgulhosos como dois galos, e que nunca me deram a menor prova de amizade?

— Anda, Fadette — continuou Landry — queres que eu te prometa alguma coisa; diz depressa de que é que tens vontade, e eu te darei. Queres minha faca nova?

— Deixa ver — disse Fadette, saltando como uma rã a seu lado.

E depois de ter visto a faca, que não era feia, e que o padrinho de Landry lhe tinha comprado na última feira, ficou tentada durante um momento; mas logo, achando que era pouco, perguntou-lhe se em vez daquilo elle não quereria dar-lhe uma galinha branca que possuia, pequenina como uma pombá e cheia de penas até a ponta dos dedos.

— Não posso te prometer a galinha branca, porque é de minha mãe — respondeu Landry — mas posso pedir que ella te dê, e estou certo de que minha mãe não recusará, porque ella vai ficar tão contente de tornar a ver Sylvinet, que nada lhe parecerá demais para te recompensar.

— Pois sim! — exclamou a pequena Fadette — e se eu tivesse vontade do cabritinho de focinho preto, será que a mãe Barbeau me dá também?

— Meu Deus! meu Deus! como custas a resolver, Fadette! Ouve-me: basta uma palavra: se meu irmão está em perigo, e se me levares já, já para junto d'elle, não há em nossa casa nem galinha nem franga, nem cabra nem cabritinho que meu pai e minha mãe sejam capazes de te negar, em agradecimento, tenho certeza!

Mas que o nome que lhes davam queria mesmo significar a fadazinha, ou a fêmea dos gênios dos bosque, isso era coisa em que todos pensavam quando a viam, pequenina, magricela, despenteada e atrevida. Era uma criança muito tagarela e zombeteira, viva como uma borboleta, curiosa como um passarinho e escurinha como um grilo.

E quando eu procuro comparar a pequena Fadette com um grilo, isso é para lhes dizer que éla nada tinha de bonita, pois esse pobre "cri-cri" dos campos é ainda mais feio do que o das chaminés. Se vocês, porém, ainda se lembram de seus tempos de criança, e de ter brincado com os grilos dos campos, prendendo-os no bolso e obrigando-os a gritar, vocês devem saber que eles têm uma carinha esperta, que dá mais vontade de rir do que zangar; assim, as crianças da Cosse, que não são mais tolas do que outras e descobrem comparações, chamavam a pequena Fadette de grilo quando queriam aborrecê-la, e até mesmo, às vezes, com certa amizade, porque, se a temiam pelas suas travessuras, gostavam dela pelas histórias que lhes contava e pelas brincadeiras novas que lhes estava sempre ensinando e que ella mesma tinha o espírito de inventar.

Mas todos esses nomes e apelidos quase me fizeram esquecer daquelle que recebera no batismo e que vocês talvez desejem conhecer. Ela se chamava Françoise, e a avó, que não gostava de trocar os nomes, era sempre assim que a chamava.

Como existia, há muito tempo, uma ponta entre a gente da Bessonière e a mãe Fadet, os gêmeos não falavam muito com a pequena Fadette, e mantinham, até mesmo, certo afastamento, e nunca brincavam de boa vontade com ella e com um irmãozinha que ella, tinha, o "salão", que era ainda mais magricela e mais levado do que ella, e vivia sempre pendurado em suas saias, zangando-se quando ella corria sem esperá-lo, tentando jogar-lhe pedras quando ella caçava d'elle, irritando-se e irritando-a mais do que ella queria, pois Fadette tinha um gênio alegre e gostava de rir de tudo. Mas havia tal preconceito contra a mãe de Fadet, que algumas pessoas, e principalmente a família do pai Barbeau, imaginavam que o "grilo" e o "salão" (ou, se vocês preferirem, o "ganfanhoto") dariam azar a quem se metesse com elles. Isso não impedia essas duas crianças de falar com os gêmeos, pois nada tinham de tímidos, e a pequena Fadette nunca perdia a oportunidade de sanhar os gêmeos da Bessonière com toda uma série de tolices e caçoadas, de tão longe que os visse surgir.

Como eu estava contando, o pobre Landry, um pouco aborrecido com o tapa que levava no ombro, ao voltar-se viu a pequena Fadette, e, pertinho, atrás dela, Jeanet o Sallão, que a seguiu manquejando, porque era defeituoso de nascimento e tinha uma perna aleijada.

A principio, Landry não quiz prestar atenção aos dois, e continuou o caminho, porque não estava em disposições de rir, mas a Fadette lhe disse, dando-lhe novo tapa no outro ombro:

— Fôra, fôra, gêmeo feioso, metade de menino que perdeu a outra metade!

Com isso, Landry, que não se sentia disposto a ser insultado nem provocado, virou-se de repente e mandou um sôco que teria machucado bastante a pequena Fadette, se não o tivesse evitado a tempo, pois Landry ia fazer quinze anos e não era maneta; e ela, que ainda não tinha quatorze anos, era tão miuda e pequenina que ninguém lhe daria soze, e dava a todos a impressão de que iria quebrar se a tocassem.

Saltou de lado tão a propósito, que, por pouco, Landry teria batido com o punho e o nariz numa árvore grossa que havia entre eles.

— Grilo malvado — disse-lhe então o pobre gêmeo, cheio de cólera — é preciso que não tenhas um pingo de coração, para vires implicar com quem está tão aflito quanto eu. Há muito tempo que andas procurando aborrecer-me, chamando-me de metade de rapaz. Hoje, estou com muita vontade de te rachar em quatro pedaços, a ti e ao teu feio saltão, para vêr se, os dois juntos, chegam a fazer a quarta parte de qualquer coisa que preste.

— Ah? É assim? Lindo gêmeo da Bessonière, senhor da Junqueiro, do rio na beira — respondeu a pequena Fadette, caçoando sempre — você é mesmo um grande tolo de se virar contra mim, quando eu vinha dar notícias de seu gêmeo e contar onde é que ele está.

— Bom, isto é outra coisa — redarguiu Landry, acalmando-se depressa — se o sabes, conta-me onde ele está, Fadette, que eu ficarei muito contente.

— Agora já não há nem Fadette nem grilo para contentar você — replicou a menina. — Você me disse muitos desaforos, e me teria espancado se não fosse tão pesado e boocó. Trate, portanto, de procurar sozinho o tonto de seu irmão gêmeo, já que é tão sabido e tão capaz de o encontrar.

— Sou muito tolo de te dar ouvidos, menina má — disse então Landry, virando-lhe as costas e continuando a caminhar. — Sabes tanto quanto eu onde é que está meu irmão. Estás tão bem informada de

fesse respeito quanto tua avó, que é uma grande mentirosa e não presta para nada.

Mas a pequena Fadette, puxando pela mão o irmãozinho, que tinha conseguido alcançá-la e pendurar-se à sua velha saia toda esfarapada, começou a seguir Landry, sempre caçoando e dizendo sempre que, sem ela, jamais poderia encontrar o gêmeo. E tanto fez que, não vendo meios de se livrar da pequena, e imaginando que, por qualquer feitiçaria, a avó ou talvez ela mesma, entrando em cumplicidade com o gênio do rio, pudesse impedi-lo de encontrar Sylvinet, Landry tomou a decisão de se meter pela Junqueira e de voar para casa.

A pequena Fadette acompanhou-o até a barreira do prado, e lá, quando o viu saltar, empoleirou-se como uma pêga num barroto e gritou-lhe:

— Adeus, então, lindo gêmeo sem coração, que deixa o irmão perdido. Por mais que o esperes para a ceia, não hás de vê-lo nem hoje nem tampouco amanhã, porque, lá onde está, ele não se mexe mais do que uma pedra, e a tempestade não tarda. Vão cair árvores no rio, esta noite, e o rio vai levar Sylvinet para tão longe, tão longe, que nunca mais há de encontrá-lo.

Tôdas essas palavras más, que Landry ouvia quase a contra-gosto, fizeram correr um suor frio por todo o seu corpo. Não que acreditasse completamente nessas predições, mas, afinal, era tão grande a fama da família Fadet de ter partes com o diabo, que não podia ficar muito descansado a êsse respeito.

— Vamos, Fadette — disse Landry, parando — queres ou não queres me deixar em paz ou me dizer, de verdade, se sabes qualquer coisa sôbre meu irmão?

— E que me darás se, antes da chuva cair, eu te fizer encontrar teu irmão? — perguntou Fadette, mantendo-se em pé na barra da porteira, e mexendo os braços como se quisesse voar.

Landry não sabia o que poderia prometer-lhe, e começava a pensar que ela quisesse enganá-lo para arranjar algum dinheiro. Mas o vento que soprava nas árvores e o trovão que começava a roncar punham-lhe no sangue como que uma febre de medo. Não que tivesse medo da tempestade, o fato, porém, é que aquela tempestade surgira de repente e de forma que não lhe parecia natural. E' possível que, na sua angústia, Landry não a tivesse visto chegar por trás das árvores do rio, tanto mais que, tendo ficado perto de duas horas no fundo do Vale, não pudera vêr o céu senão no instante em que chegara ao alto da ribanceira. Mas o que é certo é que só tinha percebido a tempestade.

de no momento em que a pequena Fadette a annunciara. E mal a pequena acabara de falar, logo sua saia se tinha enfumado com o vento; seus feios cabelos pretos saiam da touca, que ella trazia sempre mal amarrada e caida sobre uma orelha, e estavam arrepiados como crina; o gorro do saltão fôra carregado pela ventania, e só com grande custo Landry conseguira impedir que seu chapéu voasse também.

Em dois minutos, o céu tinha ficado negro, e a Fadette, de pé na barra da porteira, parecia-lhes duas vezes maior do que de costume; em suma, Landry estava com medo, e preciso confessá-lo.

— Fadette -- disse-lhe elle -- ou me roudo ! Percó para ti, se me restituíres meu irmão. Talvez o tenhas visto; talvez saibas mesmo onde elle está. Sê uma boa menina. Não sei como podes achar graça no meu desgosto. Mostra-me teu bom coração, e ficarei acreditando que vales mais do que parecees, que és melhor do que as tuas palavras.

— E por que hei de ser uma boa menina para ti ? — respondeu ella — se me chamas de malvada sem que eu nunca te tenha feito mal ! Por que hei de ter bom coração para dois gêmeos orgulhosos como dois galos, e que nunca me deram a menor prova de amizade ?

— Anda, Fadette — continuou Landry — queres que eu te prometa alguma coisa; diz depressa de que é que tens vontade, e eu te darei. Queres minha faca nova ?

— Deixa ver — disse Fadette, saltando como uma rã a seu lado.

E depois de ter visto a faca, que não era feia, e que o padrinho de Landry lhe tinha comprado na última feira, ficou tentada durante um momento; mas logo, achando que era pouco, perguntou-lhe se em vez daquillo elle não quereria dar-lhe uma galinha branca que possuia, pequenina como uma pombá e cheia de penas até a ponta dos dedos.

— Não posso te prometer a galinha branca, porque é de minha mãe — respondeu Landry — mas posso pedir que ella te dê, e estou certo de que minha mãe não recusará, porque ella vai ficar tão contente de tornar a ver Sylvinet, que nada lhe parecerá demais para te recompensar.

— Pois sim ! — exclamou a pequena Fadette — e se eu tivesse vontade do cabritinho de focinho preto, será que a mãe Barbeau me dá também ?

— Meu Deus ! meu Deus ! como custas a resolver, Fadette ! Ouve-me : basta uma palavra : se meu irmão está em perigo, e se me levares já, já para junto d'ele, não há em nossa casa nem galinha nem franga, nem cabra nem cabritinho que meu pai e minha mãe sejam capazes de te negar, em agradecimento, tenho certeza !

— Pois bem, veremos isso, Landry — disse a pequena Fadette, estendendo ao gêmeo a mãozinha seca, para que ele a apertasse em sinal de que estavam entendidos, o que ele não fez sem tremer um pouco, porque, naquele momento, ela tinha uns olhos tão ardentes que parecia um diabinho em pessoa. — Não te direi agora o que quero de ti, talvez eu mesma nem saiba ainda; mas lembra-te bem do que me prometeste nesta hora, e, se faltares, vou contar a todo mundo que não se deve confiar na palavra do gêmeo Landry. Digo-te adeus aqui, e não te esqueças de que não reclamarei nada até o dia em que me decidir a ir à tua procura para exigir uma coisa, à minha vontade, que hás de fazer sem delongas nem protestos.

— Até que enfim, Fadette! Está prometido, está assinado — disse Landry, batendo-lhe na mão.

— Vamos! — disse ela, com um ar todo orgulhoso e contente — volta sobre teus passos à beira do rio; acompanha a corrente até ouvires berrar; então hás de ver um carneirinho pardo, e logo verás teu irmão: se não acontecer o que estou dizendo, dispenso-te do cumprimento de tua palavra.

Com isso, tomando o saltão debaixo do braço, sem reparar que a coisa não lhe agradava e que ele ia estrebuchando como uma enguia, o grilo pulou no meio da touceira, e Landry não os viu nem ouviu mais, tal qual como se tivesse sonhado. Não perdeu tempo em procurar saber se a pequena Fadette se divertira à sua custa. Correu num sólego só até o fundo da Junqueira; seguiu até o cortado, e lá, ia continuar caminho sem descer, por que já tinha examinado bastante o local para ter certeza de que Sylvinet ali não se encontrava; mas, como ia afastar-se, ouviu o berro de um cordeiro.

— “Deus de minh'alma, pensou ele, aquela menina me anunciou o fato; estou ouvindo o cordeiro, meu irmão está aí. Mas se está morto ou vivo, não posso saber.”

E saltou no cortado, e entrou na ramaria. O irmão não estava ali. Mas, seguindo o fio da água, a dez passos dali, e sempre guiado pelo berro do cordeiro, Landry avistou na outra margem o irmão sentado, com um cordeirinho entre os braços, e que, de fato, era pardo da ponta do nariz até a ponta da cauda.

Como Sylvinet estava bem vivo, e não parecia machucado nem rasgado, quer no rosto quer na roupa, Landry ficou tão aliviado que começou por agradecer a Deus do fundo do coração, sem pensar em lhe pedir perdão por ter recorrido à ciência do demônio para alcançar aquela felicidade. Mas, no momento em que ia chamar Sylvinet, que ainda não

o tinha visto, nem dava sinais de o estar ouvindo, por causa do barulho da água, que batia com força nas pedras, naquelo lugar, ficou parado, olhando, pois se espantava de o encontrar exatamente como Fadgette annunciara — no meio do arvoredor que o vento açoitava furiosamente, e tão imóvel quanto uma pedra.

Ninguém ignora, entretanto, que é perigoso ficar à beira do nosso rio quando sopra a ventania. Todas as margens são minadas por baixo, e não há tempestade que deixe de desenraizar algumas das árvores ribeirinhas, de raízes curtas, a não ser que sejam muito grossas e velhas, e que podem muito bem cair em cima da gente sem prevenir. Mas Sylvinet, embora não fosse nem mais tolo nem mais imprudente do que os outros, não parecia reparar no perigo. Estava tão indiferente à ameaça, quanto se se achasse bem abrigada dentro de uma granja sólida. Cansado de ter corrido o dia inteiro e vagado sem rumo, só por felicidade não se afogara no rio, mas podia-se dizer que estava afogado no seu desgosto e no seu despeito, e ali ficava, como um tronco partido, de olhos fixos na correnteza, o rosto tão pálido quanto uma flor de nenúfar, a boca entreaberta como a de um peixinho que boceja ao sol, os cabelos emaranhados pelo vento, e nem sequer prestava atenção ao cordeirinho, que encontrara perdido nos prados e de que tivera pena. Embrulhara-o na blusa, pensando em entregá-lo ao dono, mas, no meio do caminho, esquecera-se de perguntar a quem pertencia. Conservava-o nos joelhos, e deixava-o gritar sem mesmo ouvir, apesar da voz desolada do pobresinho, que olhava em redor com grandes olhos claros, espantado de não ser ouvido por algum ser da sua espécie, e sem reconhecer aquelo prado, nem a mãe ovelha, nem o aprisco, nem aquele lugar tão sombrio e ronalhudo, diante da grande corrente de água que talvez lhe metesse medo.

CAPÍTULO X

Se não estivesse separado de Sylvinet pelo rio que em todo o seu percurso não atinge largura maior do que quatro ou cinco metros (como se diz nesses tempos novos), mas cuja profundidade, em certos lugares, equivale à largura, Landry teria por certo pulado, sem mais reflexão, ao pescoço do irmão gêmeo. Mas, como Sylvinet nem olhava para ele, teve tempo de pensar na maneira como o despertaria de seu devaneio, e em como poderia persuadí-lo a voltar para casa; porque, se o pobre menino rancoroso tivesse outra idéia na cabeça, podia seguir para outro lado e

TEATRO

OBRIGADA, PASCHOAL CARLOS MAGNO!

Paschoal, ao escrever este artigo, estou, ao mesmo tempo, plagiando-o e homenageando-o. Isto pode lhe parecer impossível, mas é verdade. Em várias de suas crônicas, você tem repetido incansavelmente: "— Obrigado, Madame Morineau; obrigado, Marie Bell; obrigado, sr. Ricardo Jaffet". Chegou a vez de alguém lhe dizer: — "Obrigado, Paschoal Carlos Magno!". E, antes que outra pessoa me roube a idéia, resolvi ser este "alguém"...

Obrigada, Paschoal, pela confiança ilimitada que deposita na mocidade brasileira. Ela nunca o desapontará.

Obrigada, Paschoal, pelo seu idealismo ardente, que o impele a lutar por uma causa tão abandonada como o teatro brasileiro.

Obrigada, Paschoal, por dirigir um grupo de gente tão vibrante e entusiasmada como o Teatro do Estudante, que já tem provado o seu valor no grande número de artistas que doou ao teatro profissional!

Obrigada, Paschoal, por mostrar ao nosso povo, tão cheio de preconceitos, que rapazes e moças podem viver e estudar juntos, na mais perfeita harmonia de idéias, sem atos ou pensamentos menos dignos. Naquela maravilhosa Concentração dos Estudantes, maravilhosa e única, não se pensava noutra coisa a não ser em teatro. Durante quatro semanas a fio, pessoas de todas as idades reuniram-se na Tijuca, com o fito de se dedicar exclusivamente ao teatro! Você deve se sentir orgulhoso, e com razão, de todos eles, Paschoal. Só lamento ainda haver pessoas (artistas até...) que não compreendam o amplo sentido deste movimento tão original!

Obrigada, Paschoal, por achar que não precisamos só de diretores estrangeiros para nossas companhias e, desta forma, preparar e instruir rapazes que no futuro serão diretores brasileiros. Que formidável seria: artistas nacionais dirigidos pelos seus próprios patrícios! O teatro nacional, por enquanto, é uma criança. Só atingirá sua maioridade quando tiver conjuntos brasileiros dirigidos por brasileiros e representando peças brasileiras. E assim há de ser... algum dia.

Finalmente, obrigada, Paschoal, por tudo o que tem feito e principalmente pelo que pretende fazer e fará, realizando o sonho já sonhado por tantos: a fundação de uma escola dramática!

COZINHA

Duas receitas praticas para aproveitar restos de bolo

Leitora, se o bolo que você fez saiu seco demais, ou um pouco solado, ou se, por qualquer outra circunstância, sobrou de um dia para outro, ou se você deseja transformá-lo em deliciosa sobremesa para o jantar, leia com atenção as duas receitas que damos abaixo, e diga-nos, depois, se já tinha comido coisa tão gostosa!

BOLO DE CHOCOLATE — Tome o bolo que sobrou, esmigalhe-o num prato fundo com um garfo, misture-lhe uma colher (ou mais) de leite; se se tratar de bolo branco, acrescente quatro colheres, de sopa, de chocolate em pó. Prove. Se estiver amargo, acrescente um pouco de açúcar (duas colheres, aproximadamente). (Se se tratar de bolo de chocolate, basta acrescentar uma colher de chocolate em pó). A massa deve ficar bem molezinha. Leve tudo ao fogo brando, mexendo de lado. Quando engrossar tire do fogo e ponha no prato (de preferência, em prato fundo, ou prato apropriado para doces, ou em qualquer terrina pirex). Cubra com creme de leite, ou creme chantilly (você pode transformar qualquer creme chantilly, batendo-o bem com um garfo e acrescentando duas colheres de açúcar e um pouco de baunilha em pó ou uma colherinha de essência de baunilha) ou mesmo com clara batida com açúcar, em ponto de suspiro. Pode enfeitar, querendo, com passas, ou ameixas pretas, ou nozes, ou amendoim torrado, ou confeitos. Sirva frio. Se tiver geladeira, pode servir gelado, que ainda fica mais gostoso.

CRÈME COM BANANAS — Corte em fatias o bolo que tiver sobrando de seu lanche ou da sobremesa da véspera, ou qualquer bolo barato de confeitaria.

Ponha essas fatias no fundo de um prato, terrina, ou pires; cubra-as com bananas cortadas em rodélas finas e, em seguida, com um crêmezinho engrossado, feita de meio litro de leite, uma colher de maizena, açúcar a gosto, duas ou três gemas de ovos e, se quiser, de um pouco de baunilha (fica mais gostoso). Ponha no fogo, mexendo de lado, até as rodélas de banana e do creme, e cubra com as claras batidas com açúcar, como para suspiro. Leve ao forno para secar; quem não tiver forno, pode secar ao sol, que também fica bom. Sirva frio ou, se puder, gelado.

E vejam só que duas ótimas sobremesas!

LIVROS

COMO FUNCIONAM AS BIBLIOTECAS NA FRANÇA

Por Jean GALLOTTI

(Copyright do Serviço Francês de Informação) especial para "MOMENTO FEMININO"

No domínio da grande vulgarização e da cultura das massas, a Cidade de Paris possui 85 bibliotecas municipais abertas ao público, dependentes da Prefeitura do Sena e existem em toda a França, 47.000 bibliotecas escolares de pequenas localidades, sem falar de numerosas bibliotecas populares organizadas sob a forma cooperativa.

Qual o número de volumes que podem representar todas essas coleções? Para se ter uma idéia aproximada, basta considerar as cifras das mais importantes:

A Biblioteca Nacional de Paris possui cerca de 6 milhões de livros impressos, 123.999 manuscritos, 3.500.000 gravuras.

A de Estrasburgo, de 500.000 impressos e 4.650 manuscritos.

A do Arsenal de Paris, mais de 1.000.000 de impressos, 11.800 manuscritos, 180.000 gravuras.

A Biblioteca Municipal de Lyon, 635.000 impressos, 9.800 manuscritos.

A de Santo Geneviève de Paris, perto de 500.000 volumes impressos, a de Mazarine 350.000, a Histórica 300.000. Em províncias, 21 bibliotecas têm entre 100.000 e 200.000 volumes. A Mijanes, em Aix-en-Provence possui 230.000 a Municipal de Rouen, 260.000; a de Toulouse, 240.000, a de Versailles, 275.000.

Essas cifras, bem eloquentes, ainda não dizem tudo. Apesar das cifras superiores fornecidas por países imensos, que têm uma enorme população, a França, proporcionalmente, tem ainda, decerto, vantagens, mesmo nesse aspecto da quantidade de livros. Mas devemos frisar que essa quantidade não deixou de ser superior, absolutamente, senão há muito pouco tempo ainda. Em 1880, a Biblioteca Nacional dispunha de 2.100.000 impressos e 150.000 manuscritos contra 1.100.000 impressos e 35.000 da de São Petersburgo a 300.000 volumes da de Washington. Sobrepassava, de resto, as bibliotecas do British Museum (1.100.000) e de Munique (900.000) que figuravam entre as mais ricas da Europa. E, portanto, evidente que não pôde desde então, ser superada por coleções compostas sobretudo de elementos modernos, cujo interesse histórico de documental, pelo menos no que se refere a raridade, não são sempre iguais aos dos velhos fundos. E assim sucede em toda a França. Duma par-

te, a época bem remota desde a qual se colecionam livros; dentro, a distribuição das antigas bibliotecas particulares da época revolucionária deram, ao conjunto das bibliotecas públicas, um valor sem igual.

O sentimento desse valor está, decerto, na origem do espírito no qual foram concedidos os regulamentos internos. Grande número de obras são insubstituíveis, e compreende-se, portanto, que se tomem precauções para as preservar. Entretanto, exceto na Biblioteca Nacional, onde um carnet de leitor, que se concede, aliás, com facilidade, é exigido à entrada, basta, em geral, para consultar um livro, preencher um boletim com nome e endereço do interessado.

Os empréstimos a domicílio não são gerais. No entanto, perante uma autorização do "maire" da província, são facilitados livros nessas condições em quase todas as bibliotecas municipais da província, e sem nenhuma formalidade nas de Paris. Por outra parte, faz-se atualmente um esforço sério para generalizar esses empréstimos e torná-los extensivos ao campo. É este o fim que inspirou a criação recente do Serviço das Bibliotecas Centrais de Empréstimo.

É inútil dizer que as condições atuais, as perdas sofridas durante a guerra, a crise do papel, dificultam um tanto esta iniciativa. Os resultados obtidos, já consideráveis, não são pois, menos meritórios, e vêm-se acrescentar utilmente à obra educação geral, prosseguida, aliás, há muito tempo na França.

RECITAL ISA KREMER

Patrocinado pelo Ateneu Garcia Lorca realizou-se dia 7 do corrente no Conservatório Brasileiro de Música, o recital de Isa Kremer.

Folclorista internacional, de voz grave e gestos agradáveis Isa Kremer encantou a quantos a ouviram principalmente na interpretação da música judia.

O recital Isa Kremer constituiu verdadeiro sucesso.

ALFABETIZAR ADULTOS, QUE GRANDE TAREFA PARA A MULHER BRASILEIRA!

Palavras Cruzadas

Solução do Enigma anterior

Horizontais: — 1 — Coa; 4 — Eva; 7 — Carne; 9 — Adela; 11 — Bolens; 12 — Parada; 14 — Alo; 15 — Atroz; 17 — Ras; 18 — Rata; 20 — Res; 21 — Avia; 22 — Respeável; 25 — Capuava; 26 — Promotório; 30 — Moes; 31 — Loa; 32 — Orbe; 34 — Ali; 35 — Ciama; 37 — Rim; 38 — Satura; 40 — Orreta; 41 —

Soles: 42 — Saião; 43 — Ror; 44 — Sol. Verticais: — 1 — Calote; 2 — Ove; 3 — Anua; 4 — Edaz; 5 — Ver; 6 — Alarve; 7 — Colar; 8 — Trepolins; 9 — Apostatmos; 10 — Adail; 11 — Bar; 13 — Aaa; 16 — Rei anos; 19 — Ascos; 23 — Pam; 24 — Avo; 26 — Poler; 27 — retr; 28 — Irenal; 29 — Obto; 30 — Mas; 35 — Cier; 36 — Aras; 39 — Ulo; 40 — Rio.

LEIA

Veterinária

Revista técnica, trimestral, sob os auspícios do Diretório Acadêmico e colaboração dos professores da Escola Nacional de Veterinária

Solicite assinatura anual Cr\$ 12,00 para a Redação, à AVENIDA MARACANA, 200 — Rio de Janeiro

RÁDIO



Linda Rodrigues é uma intérprete do samba em nosso broadcasting. Atualmente pretende dedicar-se ao rádio-teatro

ASSINE À

Tribuna POPULAR

SR. GERENTE DA TRIBUNA POPULAR Avenida Presidente Antonio Carlos, 207 - 12º - Rio de Janeiro. Anexo um (vale postal ou cheque postal) 100 de Janeiro à "TRIBUNA POPULAR", na Rua... Cr\$ (120,00 ou 70,00) para uma assinatura por (1 ano ou 6 meses) da "TRIBUNA POPULAR".

Nome Estado Município Estado

CINEMA

Éis um filme interessante? Tente assistir ao filme francês, "O Velho George Apley".

É uma crítica ao snobismo americano, à nobreza de lá vinte ou trinta anos que de nobreza tinha apenas o nome. E quando tinha... O velho Apley era centranudo, inclusive os anúncios luminosos. Mas os filhos eram a outra geração e podiam até discutir Freud. O velho ficara em Emerson aproveitando-o a seu modo. Ronald Colman está bem, é um velho artista que tem consciência de seu desempenho. A figura mais interessante além dele é Peggy Cummings, uma novata inglesa, que Hollywood acaba de lançar e que promete ir longe.

Estão aparecendo os filmes italianos e a crítica mundial saudou as mais recentes produções como sendo as de melhor cinema. O CIDADE ABERTA já anunciado na Cinelândia, é considerado um ótimo filme.

Zandora também o VENDE-FOR DE ESSOS FILMES austríacos baseado na opereta do mesmo nome.

A MANEIRA
E' o maior quinta-feira do mundo

Como trabalham as donas de casa

NO MORRO DA FAVELA

Funciona uma União Feminina no morro

Há quasi um ano, surgiram nesta capital organizações femininas em muitos bairros, de luta contra a carestia de vida.

Em virtude da crise econômica por que nosso país atravessa, com a subida desenfreada dos preços dos gêneros de primeira necessidade, bem como o desaparecimento constante de alguns gêneros do nosso mercado, as donas de casa resolveram organizar-se em seus bairros, para combater as manobras dos homens do cambio negro, dos exploradores do nosso povo.

Foi no mês de dezembro do ano passado, que as mulheres do Morro da Favela se uniram e fundaram a União Feminina, numa assembléia festiva, mas com a finalidade de trabalhar pela aquisição da banha, pelo barateamento dos demais gêneros, e para defender todos os assuntos de real interesse na vida da mulher.

No dia da instalação, sob verdadeiro entusiasmo foi eleita a diretoria: Presidente: — Maria Rosa Magalhães. Vice-presidente: — Maria Piano. Secretária: — Gerusia de Araujo. Tesoureira: — Olga da Silva.

Sob a direção dessas senhoras, a União Feminina vem cumprindo suas finalidades com grande eficiência.

Conseguiram as associadas no Ministério da Agricultura, banha, que foi vendida ao preço da tabela, a todas as sócias.

te uma comissão responsável pela distribuição da banha descia a enorme escadaria do morro, rumo ao Ministério

e, de volta na sede da associação, no barracão do Frevo, essas senhoras atendiam a todas as sócias que aguardavam para a distribuição do produto.

Admirável também foi o trabalho

treque ao Instituto Feminino do Serviço Construtivo, iniciador dessa campanha.

As reuniões semanais da União correm normalmente, num ambiente de união e de verdadeira colaboração. Todas trabalham para um mesmo fim. Discutem os problemas de interesse

das mulheres, suas verdadeiras reivin-

dação, proporcionando também às mulheres e às crianças, tardes festivas, uma vez que a vida lá no morro é monotona.



Água para lavar roupa, água para beber, água para o banho. Elas descem o morro curvadas em busca de água

No dia 21 de julho, que se tornou histórico na vida do movimento feminino, também as donas de casa do morro da Favela desceram à cidade, para participar da passeata das mulheres contra a carestia.

Lá estiveram elas nas Camaras ativas na defesa dos seus interesses, unidas a todas as donas de casa do Distrito Federal, para pleitearem dos poderes públicos melhores condições de vida.

Como se vê, as donas de casa organizadas em Uniões Femininas, são hoje um poderoso fator de ajuda às autoridades, no sentido de as impulsionar na grande tarefa que têm de resolver a situação angustiosa em que se encontra o nosso povo.

Vítimas de uma situação econômica mal dirigida, as mulheres resolveram tomar parte ativa na administração do país e o fazem, ajudando o governo no problema do abastecimento através seu trabalho tenaz e eficiente em associações de bairro.

MOMENTO FEMININO, que procura viver todos os assuntos das mulheres, louva o trabalho das donas de casa do morro da Favela e deseja prosperidade à União.

De uma série de visitas que faremos às Uniões Femininas, procuraremos refletir o esforço e atuação das mulheres cariocas, afim de que sirvam de experiência para outras donas de casa que ainda não atuam em associações femininas, mas, também, desejosas de fundar uma União em seu bairro, poderão se orientar pelo exemplo das já existentes.



No morro a dona de casa tem problemas ainda maiores que as demais. As feiras são distantes, o dinheiro é pouco, os preços são altos...

por elas levado a efeito na contribuição financeira para o custeio de viagem de uma delegada brasileira ao Conselho Internacional de Mulheres em Praga.

De casa em casa, explicando o valor dessa representação feminina no conclave internacional, todas as associadas dessa União, conseguiriam uma grande quota em dinheiro, que foi en-



São as heroínas obscuras dos morros na labuta diária...

um sucesso. Todas as moradoras da Favela passaram a se interessar pelo trabalho de sua associação. A colaboração é um fato. Semanalmen-

tações, traçam planos de trabalho e os realizam com sucesso.

Certa vez ofereceram lá em cima do morro um almoço às Vereadoras. Um trabalho admirável. Apresentaram também uma interessante exposição de arte doméstica, cujas prendas foram sorteadas entre os presentes.

Essa União realiza festinhas dominicais, para ampliar os fundos da asso-